

DAMASCENO VIEIRA

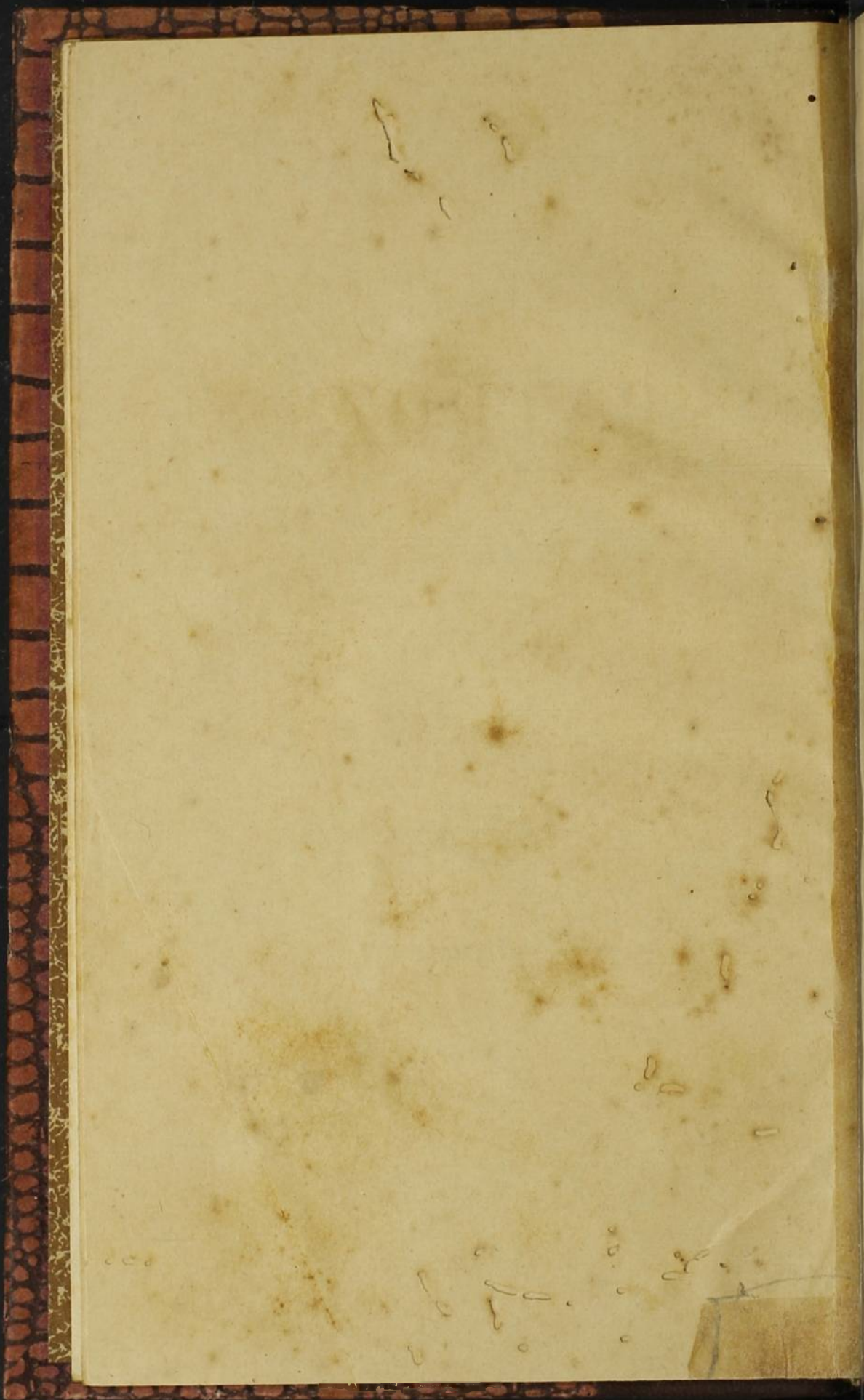
ALBATROZES

POESIAS



BAHIA
LITHO-TYP. E ENCADENAÇÃO REIS & C.
Rua Dr. Manoel Victorino, 23 e 25

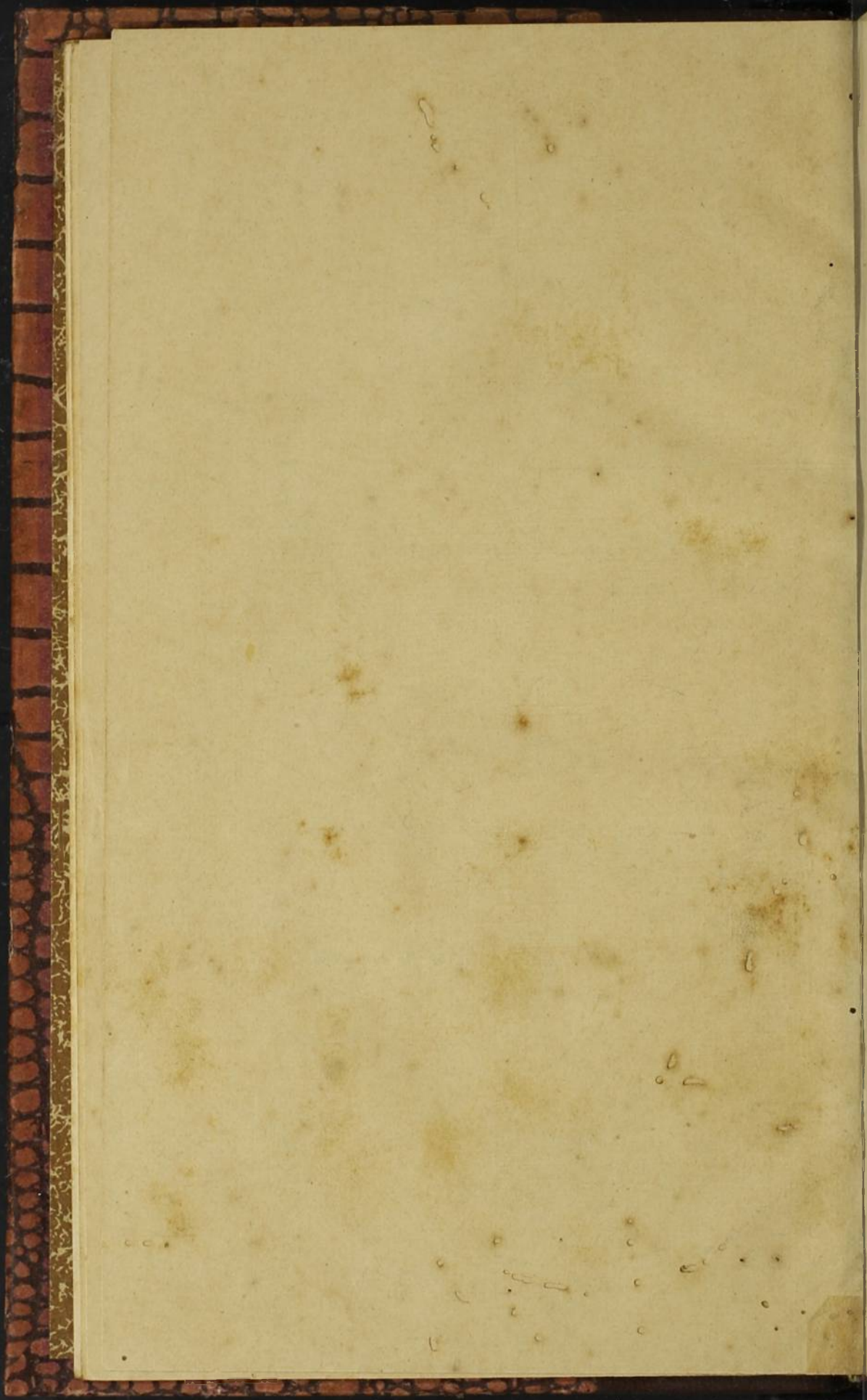
1808



A Arnaldo Damasceno Vieira

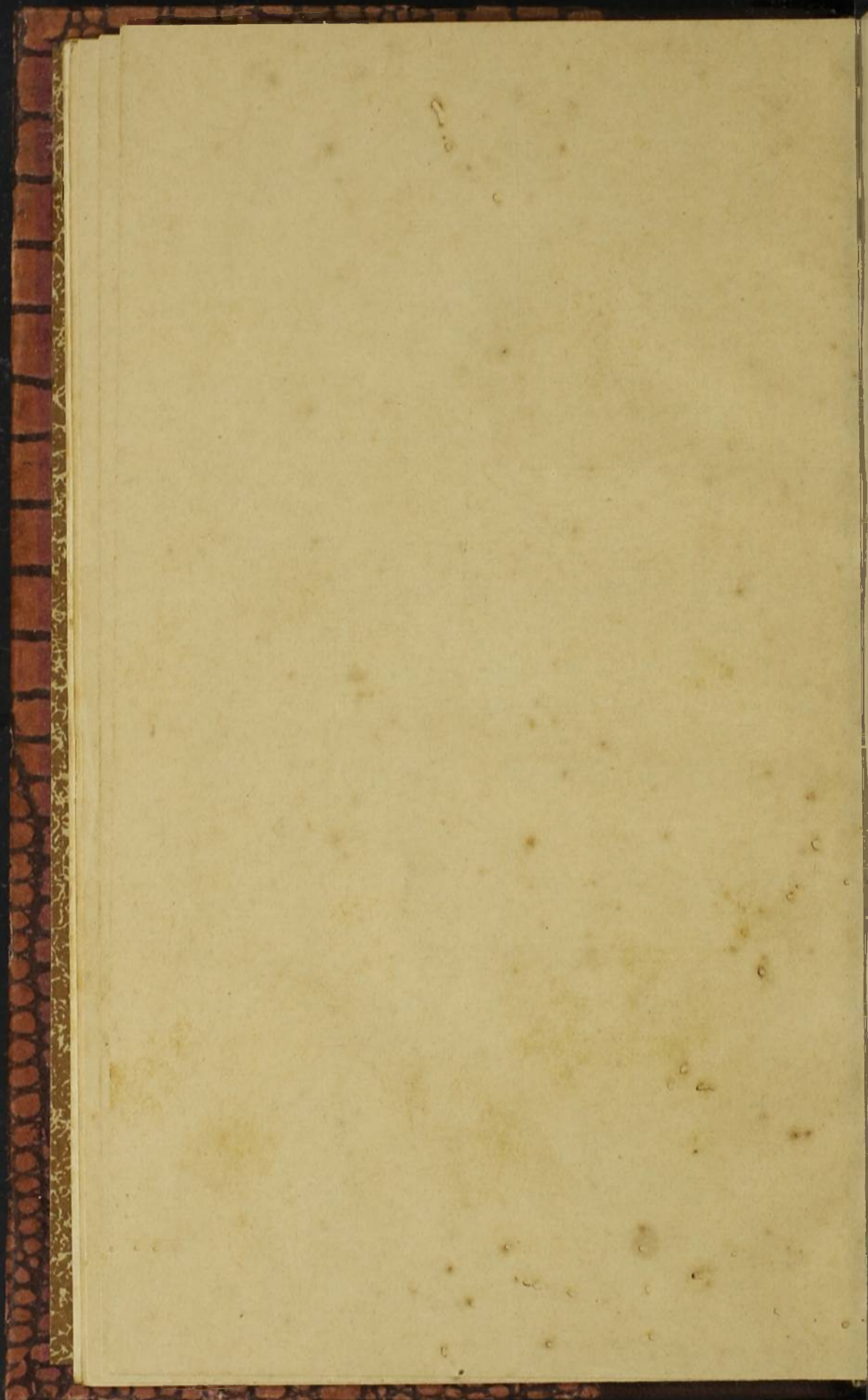
Em retribuição ás suas CONSTELLAÇÕES

Como expressão de paternal carinho.



R
Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer ;
Exilé sur le sol, au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

CHARLES BAUDELAIRE (*L'albatros*)



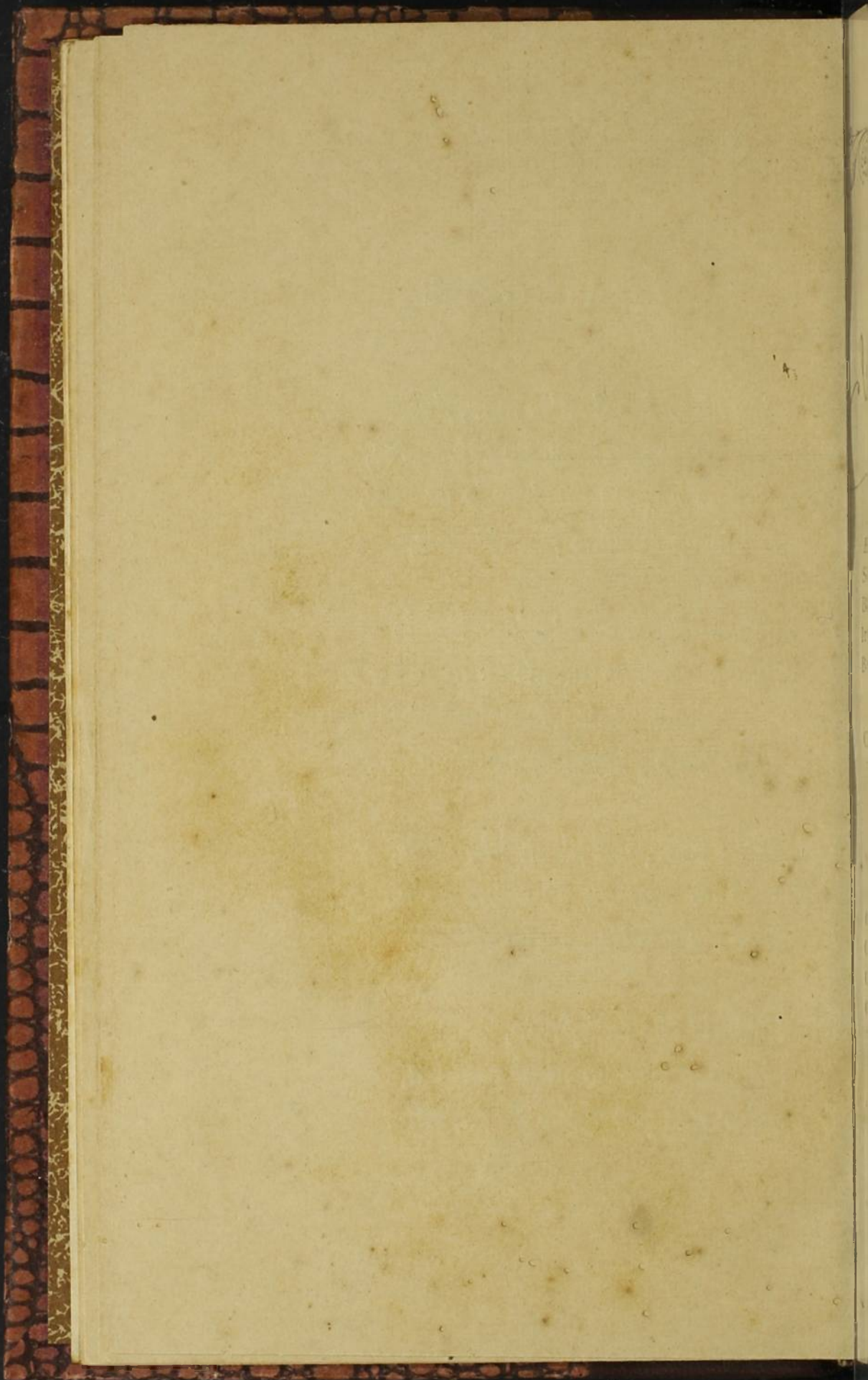
ALBATROZES

*Ou sobre as ondas do alto mar, fluctuando,
Balouçantes, em sonhos, em scismares,
Ou sobre as nuvens revolvendo os ares,
Sem receio ao cyclõne formidando,*

*De pennas alvas, mysterioso bando
De albatrozes, transpondo os grandes mares,
De encontro aos ventos, supplantando axares,
Vão ignoradas plagas demandando...*


*Deixae-os voar, em plena liberdade,
Ou rente ao mar ou na suprema altura,
Sumidos na azulina immensidade.*

*No dilatado vôo indefinito,
Elles aspirant, como ideal ventura,
Ir pousar nas paragens do infinito.*



Saudelino

Paulista



AO POETA

SOFFRE! E' lei natural; a dôr nos retempéra;
Ao choque da emoção, o sangue se accelera
E imprime á fronte em fogo o lampejo febril.
Soffre a atroz afflicção com animo viril.
Bem como um reverbero a concentrar no seio
Irradiações do sol — que o soffrimento alheio
Bata em teu coração e se converta em luz.

Canta! E a tua voz que inlammada seduz
Espalhe á multidão, como uma suave essencia,
Bondade, amor, poesia, a florir a existencia.
Canta o Bello que vês em tocante esplendor,
O sorrir infantil, o desbrochar da flôr,
A prece, na mudez eloquente do pranto,
O mysterio-mulher de indefinido encanto,
O mysterio da seiva em continuo vac-vem,
O sonho, a vida, a luz, o mysterio do Além,
O murmurar do rio, o vozear da floresta,
Dos ninhos, a oscillar, a pipilante festa,
Da invisivel manéra o estremecer vital
E o eterno evolver do mundo sideral.


Quando a morte, por premio ao teu apostolado,
Conceder-te repouso ao coração cruciado,
Encara-a sem temor, pois não é ella um fim.

A campa é para nós um novo camarim
De mutações; a vida assume nova forma.
Não se destrói o corpo, apenas se transforma.
A alquimia subterrânea opera outro existir
No ar, ou no perfume, ou na flôr a sorrir,
Ou no ether, a fluctuar imponderavel...

Canta!

Segue para o infinito em romaria santa!





FESTIM ROMANO

Após o banho em thermas perfumadas,
Encantadoras cortezãs, trajando
Ricas vestes de seda auri-lavradas,
Em passo airoso e brando,
Dirigem-se ao palacio
Da romana Barina.

Barina! a mais formosa em todo o Lacio!
Caprichosa hetaïra peregrina!
Barina! aquella que ao quebrar os votos
Surge mais bella e seductora ainda!
A inspiradora de paixões protervas
Que sabe distillar philtros ignotos
De anacampséros e canidias hervas,
Para exaltar amor que nunca finda!

Como quem vae ao Pantheon da gloria,
Sobem sorrindo a larga escadaria
De nitidez marmorea,
E, ébrias de alegria,
Penetram no triclínio illuminado
Por lampadas de prata reluzente.

Divaga pelo ambiente
De bálano o perfume delicado
A desprender-se das luzentes cômas;

Vasos da Etruria adornam-se de flôres
 D'inebriantes aromas ;
 Grinaldas multicores
 De rosas brancas, fulvas, purpurinas,
 Pendem do tecto em larga profusão
 Ou se enroscam, em curvas serpentinas,
 A's columnas corinthias do salão.
 Esplendem as paredes de pinturas
 A retratar ao vivo imagens frescas,
 Lindissimas figuras
 Em posições lascivas, picarescas,
 Cuja crueza as atenções attrae :
Leda entregue á paixão do cysne ufano ;
Os amores do touro e Pasiphae ;
O cavallo dilecto de Philyra ;
Marte e Venus em redes de Vulcano...
 E o mais que o genio da luxuria inspira.

Que immensa turba ! Generaes, questores,
 Vates, edis, pretores, argentarios,
 Moços patricios, velhos legionarios,
 Athletas vigorosos,
 Hercúleos e potentes gladiadores,
 Todos sedentos de apurados gósos.
 A provocar febril concupiscencia,
 As *preciosas* mundanas,
 Gentis thessalianas,
 Em tunicas de rara transparencia,
 Mostram, em linhas sensuaes e crúas,
 A correcção das fórmis semi-núas...
 Outras em véos de Tyro mal occultam
 A lubrica evidencia
 De thesouros que avultam...

Que regosijo !... Que funcção é esta ?

Completa hoje Barina o lustro sexto :

Magnifico pretexto

Para exhibir extraordinaria festa,

Da qual a apparatusa ostentação

Lembre Lucullo na exaggeração.

O que Roma possúe de mais egregio

Comparece ao banquete, quasi regio...

Como um tributo á Historia,

Barina e oito principaes loureiras

Representam de filhas da Memoria,

As de Apollo impollutas companheiras.

Brilhantes singulares,

A deslumbrar as vistas,

Valiosissimas gemmas

Refulgem nos anneis e nos collares

E dão ás Musas divinaes encantos.

Desde os altos cothurnos aos diademas,

Myrrhites odorantes, amethystas,

Pardalios e beryllos, zetos, xanthos,

Astrápias, chrysoprásos, sandarésos,

Carcinias e calais, altas conquistas

De libertinos Cresos,

— Todo um mundo de joias offuscantes

Que são d'Artè famosas maravilhas —

Exhibe-se. Crotálias sussurrantes

Impendem de emperladas gargantilhas.

Ostentam-se as esplendidas beldades

Circumdadas de auréolas, reluzindo,

Quaes si fossem as proprias Divindades
Que alli baixassem do sagrado Pindo.

Ancillas, escançãs, lustrosas, pretas,
Cintadas de levissimos sendaes,
Esbeltas, a mostrar as rijas tetas
Em linhas bellamente esculpturaes,
A sorrir donairosas,
Com graça e com presteza,
Servem a lauta, enriquecida mesa
Coberta de ignuarias saborosas :
Ostras vivas, de gratas sensações,
Sardas do Egêo, saperdas africanas,
Atuns da Chalcedonia, esturjões
De Rhodes, holoturias capreanas,
Moreias da Sicilia e do Oriente,
Zorzaes d'Asia Menor, tordos, faizões,
Da Phrygia francolins, e, ricamente,
Linguas de rouxinóes, de reaes pavos,
De sabor excellente ;
Veados, javalis e patos bravos
Oriundos da Gallia Transalpina ;
Fructas — volemas, tópios deleitosos,
Caryotas e, em ricos vasos bellos
De incrustações de pedraria fina
— Em chrysendêtas — doces melimelos ;
Original diluvio
De vinhos capitosos,
Desde o falerno ao mássico potente,
E o de Chypre e o famoso effervescente
Estátana — licôr de quente effluvio
Fabricado nas fraldas do Vesuvio —
E os *liberi bellaria* calorosos :

Tudo que ao paladar incita góses
Delicia-se alli avidamente.

Vibra, saudosa e limpida, a harmonia
Da tibia berecynthia commovente ;
Escravas gregas cantos de poesia,
Repassados de amor e de mysterio,
Soltam nas duplas flautas sonoras...
Gemem, suspiram cordas do psalterio,
Das harpas e das cytharas queixosas,
E aquella deliciosa symphonia

Dos instrumentos suaves
Lembra a doçura do cantar das aves
A festejar o despontar do dia.

De vez em vez escuta-se o anagnosta,
O escravo que declama
Canções lesbias, ardentes, fescenninas,
De que toda a assembléa rindo gosta
E mais ateia a chamma
Dos heróes e das bellas messalinas.

Bronzi-dourados numes
— Prendas colhidas em trophéo de Eleusis —
Erguem ao ar caçoulas fumegantes
De thymiamas a exhalar perfumes,
Como oblação mysteriosa aos Deuses
Propicios aos amantes.

Em grita, soam saudações sinceras
A's Musas em revolto desalinho,

E os cyathos immergem nas crateras
A transbordar de vinho...

Em cymbos aureos libam-se licores ;
Cantam hymnos a Baccho os bebedores ;
Reclamam novas âmphoras marcadas
Pelos nomes dos consules antigos,
E são logo exgottadas
Pela avidez dos commensaes amigos.

Dissolvem ricas perolas nas taças
Os convivas, em honra de Barina :
Acclamam-na mais bella do que as Graças,
Rival victoriosa de Erycina.

De escaldadas, raucisonas gargantas
Soam por fim seis brindes — que são tantas
As letras de *Barina*.

Os commensaes
Vão se entregar ás danças sensuaes.

De anneis de ouro a cingir os tornozellos,
Coroados de mitras os cabellos,
Assyrias bailadeiras,
Côr do fructo das altas tamareiras,
Olhos violaceos da continua insomnia,
— As crotalistrias — a rufar pandeiros,
Quasi aéreas, deslisam,
Em requebros ligeiros,
E as nudas plantas só de leve pisam
Tapetes da opulenta Babylonia.

Aquelles corpos juvenis exaltam,
Fascinam como a luz...
Em doido movimento os seios saltam,
— Gemeos amores ebriosos, nús...

A plena embriaguez, a nudez plena
Mostra contornos finamente raros
A causar desesperos ao pincel,
Ondulações que não descreve a penna,
Mimos que exigem marmore de Paros
E do inspirado Phédias o cinzel.

Após geral tripudio, nova scena
Começa...
Véo de Appelles ao painel.

Quando o sol do outro dia
— Novo conviva — entrando,
A rir, illuminou o enorme bando,
Viu no triclinio a conclusão da orgia :
Athletas, generaes, edis, questores,
De faces avinhadas,
E poetas e patricios e pretores,
Com as fronte não mais engrinaldadas
De louros ou de flôres,
Dormiam resupinos, arquejantes,
Nos braços nús das pallidas bacchantes.

Descuidosa da sorte,
A embriagada Roma não ouvia
O galopar dos Barbaros do Norte.



A' ARTE

QUANDO ella foi á Grecia, á patria dos primores,
Núa e casta, a sorrir, cingida de laureis,
Engrinaldou-se em gloria a fronte dos pintores,
Rutilou como um sol o aço dos cinzeis.

Famoso estatuario, um genio inexcedivel,
Ao vel-a, prosternou-se aos pés do esbelto vulto,
E quiz, num rasgo audaz d'inspiração incrivel,
Reproduzir a Deusa a quem rendia culto.

O marmore desbasta, esculpe febrilmente,
Contorna a fronte, o collo, os seios virginaes,
Adelgaça-lhe a cinta, em ancia impaciente,
Arredonda os quadris, contorna mais e mais...

E vendo resurgir do marmore a figura,
E' tanta a commoção do espirito intranquillo,
Que o genio, curvo o joelho, em extasis, murmura
« A Divindade és tu ! E's tu, Venus de Milo ! »





O PARTHENON

Ao poeta sueco Göran Björkman

I

Sob o cinzel de magico prestigio
De Phídias e de alumnos esforçados
— Ictinos e Callicles inspirados —
Athenas sobe a esthetico fastigio.

Como immortal, olympico vestigio
Do talento de artistas sublimados,
Na Acrópole de blocos cinzelados
O Parthenon se impõe como um prodigio

Da Sciencia a Deusa armipotente impéra.
Feita em oiro e marfim, alta, irradia,
A deslumbrar olhares fervorosos.

Ah ! quem ao grande Péricles disséra
Que por museus bretões se espalharia
Tanto esplendor de mármoreos gloriosos !

II

Tanto esplendor de marmores divinos !
Relevos de frontões, egregios bustos,
Apollíneas estatuas, Zeus augustos,
Artémis, Parcas, Eros peregrinos,

A fileira dos vultos femininos
Das frisas, e os equestres e os robustos
Jovens guerreiros de perfis venustos
Tiveram que soffrer varios destinos.

O tempo destructor e mãos mesquinhas
Desfizeram-te, ó grego relicario,
E em muda solidão, triste, definhas.

Após fulgente brilho extraordinario,
Tens por hymno — o chilrear das andorinhas
E por adorno — o limo parietario.



BANHO DE PHRYNÉ

QUANDO Phryné, a lúbrica sereia,
Despe na praia o mimo da roupagem,
E núa, em pleno sol, calcando a areia,
Banha-se em ondas de espumante arfagem,

A turba que este facto presencia
Suspira, ollega e freme, em vassallagem
A'quelle corpo juvenil que ondeia
Qual da Aphrodite a peregrina imagem.

Ella volve, impudica e donairoza,
E expõe, com garbo, á multidão curiosa,
A rara Fórma em que a belleza é summa.

Ao vel-a, Apelles, num clarão radioso,
Concebe a idéa do painel famoso:
«Gloriosa Venus a surgir da espuma!»



CULTO Á FÓRMA

EM face a galeria de pintura,
Sinto extranha paixão quando deparo
Com desnudada, esplendida figura,
— Bello producto de pintor preclaro.

Enlevado perante a formosura,
Eu, semelhante a fetichista ignaro,
Dobrado em reverente curvatura,
Consagro culto áquelle objecto raro.

Si contemplando a estampa inanimada,
Sinto amor e respeito venerando
Pela Fórma que apenas foi pintada,

Que sentirei por ti, ó Deusa, quando
Parece que és da téla desligada
E viva e luminosa vaes passando ?



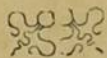
AMOR DE PYGMALIÃO

QUE gozo triumphal de estatuario !...
Eil-o abraçado á esplendida figura :
Oscula-lhe o cabello, a fronte pura,
Bellos olhos de mimo extraordinario !

Como um louco febril, um visionario,
Beija-lhe a bocca de infantil frescura,
O collo, os seios de brilhante alvura,
Os seios ! alvos lirios de um sacrario !

E impréca o céo num grito de agonia :
« O' Venus immortal, dá vida á idéa !
Faze animar-se a pedra muda e fria ! »

Prodigio divinal ! A cypria déa,
Compungida do genio que soffria,
Dá vida á estatua, e surge Galathéa !





KLEÓPATRA

I

GINGIDO o corpo em tela de brocado
Que mal encobre o contornado seio,
Reclinada em divan auri-lavrado,
Scisma a Rainha em palpitante anceio.

Em fôrma de azas de ibis, mas de prata,
Luz o toucado; a esplendida melena
Densa, ondulosa e negra se desata
Sobre a espadua morena.

O diadema de pedras scintillantes
Exhibe em oiro a vibora sagrada
De bocca de coral, olhos — diamantes,
E tremulante a lingua bifurcada.

Scisma, apoiada sobre o cotovello,
Semblante concentrado, merencorio,
Pés em sandalias a calcar o pello
De urso branco, hyperboreo.

Como trophéo colhido em pugha ardente
— Vencido soberano —
Semi-deitado, mas de altiva frente,
Vê-se-lhe aos pés enorme tigre indiano.

Esbelta escrava grega, semi-núa,
Com leque de plumagens multicôres,
Agita o ar contra o calor que estúa
E suffoca de ardores.

A calma intensa fortemente afflige-a ;
A' transparencia do subtil vestuario,
Bem poderia hellenico estatuario
Reproduzir a Venus Callipygia.

Em que meditas, ambiciosa filha
Dos Ptolomeus, em teu scismar profundo ?
No ardente olhar um só desejo brilha :
O de reinar no mundo !

II

Airosa como um cysne e marchetada
De arabescos — dragões de madreperola —
Resvala a embarcação engrinaldada
Sobre a face do Cydno d'agua cerula.

Recebe a egypcia Antonio na galera
De pôpa d'oiro, velas purpurinas,
Remos de prata. E desde logo impera
No romano de idéas libertinas.

Uma leve harmonia vóa incerta
Das cytharas em tremulos arpejos ;
Sob o docel da camara entreaberta
Sôa em surdina a musica dos beijos.

Vinhos, perfumes, cantos crystallinos
Transportam ambos a deleites celios...
As tres ordens de remos argentinos
Batem cadentes : branda força impelle-os.

Subjugando o triúmviro, proclama
Kleópatra, a sonhar mais alto solio :
« Hão de acclamar-me pela voz da Fama,
Quando eu dictar as leis no Capitolio ! »

Sempre utopista, a bella imprevidente,
A fitar o céo puro,
Presuppõe, pelos gosos do presente,
Um grandioso futuro.

Sonha ver hieroglyphica escriptura
Narrar os planos vastos,
E a victoria já conta por segura,
Ultrapassando de Ramsés os fastos.

Parece-lhe que os idolos immensos,
Grandes esphinges e animaes sagrados
Estão, como suspensos,
No triumpho engolfados.

Alexandria toda se engalana
De adornos emblematicos,
E, em signal de alegria, a Soberana
Consagra as noites a festins orgiaticos.

Na desvairada vida a que se vota,
O contendor de Augusto manifesta
Amor insano á culta polyglotta,
E repudía Octavia, a esposa honesta.

III

Um dia, após prazeres requintados,
Por dar a Antonio sensação mais forte,
Ao atrio manda vir tres condemnados
A castigo de morte.

E a extravagante, olympica Princeza,
Ordena se ministrem corrosivos
Dos tres reinos da varia natureza
Aos miseros captivos.

Flautas e guzlas, harpas e pandeiros,
Por moças da Chaldéa desferidos,
Destinam-se a espalhar sons prazenteiros
E a suffocar gemidos.

Em ligeiro tablado ao centro posto,
Surge um fellah — figura resoluta :
Sem contracção no rosto,
Bebe dum trago a taça de cicuta.

Depois, um grande partha musculoso
Recebe o toxico, a sorrir ingere-o,
E cae, arqueado, a escabujar furioso,
Demente pelo effeito delecterio.

Chefe nubio de altura extraordinaria,
Negra epiderme, desconformes dentes,
Em jaula acceita iucta sanguinaria
Com rábidas serpentes.

Seis aspides, seis viboras sanhudas,
Como insufladas de vertigem louca,
Ensanguentam-lhe as pernas cabelludas,
Braços e peito e escancarada bocca.

Contra as horrendas serpes esfomeadas
Desenvolvendo ingenito valor,
Vence-as a pés, a dentes, a punhadas,
E morre como um bravo o luctador.

Marco Antonio horroriza-se ante a scena;
Crispa-lhe o dorso extranho calafrio,
E vê na amante impavida, serena,
Prazer e sangue frio.

IV

A' sombra de um velario, no terraço,
Canta o romano heróe, ebrio de vinho;
Ella, formosa, a veste em desalinho,
Relembra de Erycina o vivo traço.

Beijam-se a rir, em serpentino abraço;
Da fogosa paixão no torvelinho,
Repetem juras de eternal carinho,
— Amor que vence o tempo e vence o espaço.

Vendo-o dormir, qual fera subjugada,
Levanta-se a Rainha allucinada,
Faces em chammas, desnastrada a cônia,

E, olhando o mar, exclama, altiva e brava:
«Jamais! Jamais me arrastarás escrava,
Presa a teu carro triumphal, ó Roma!»

V

Defronte ao cabo d'Accio, o mar se coalha
De embarcações egypcias e romanas .

A disputar ufanas
Os trophéos da batalha.

Vozes em grita, imprecações frementes,
Bem como lanças de arremesso, voam
Das grandes naus de pôpas imponentes
Que estalando abalroam.

«Por Zeus! Por Isis!» Orações e pragas
Resoam no mavorcio incitamento;
Rolam sinistras, espumantes vagas
Sobre verde lençol sanguinolento.

Em defesa da propria liberdade,
Os fortes africanos combatentes,
A praticar acções de heroicidade,
Vão prestes recolher palmas virentes.

* * *

Em meio da batalha, a amedrontada
Kleópatra — sómente vencedora
Nos combates de amor — fuge apressada
Como si a morte a seu encalço fôra.

Sob nuvem compacta, aterradora
De settas, segue Antonio a régia amada,
E após, suppondo morta a seductora,
No rude e largo peito embebe a espada.

Morde um áspide o seio palpitante
Da Rainha, que em derradeiro instante
Diz ás escravas: « Exaltae-me a sorte!

Filha de heroicos Reis, nunca vencida,
Excelsa gloria me corôa a vida,
Pois que á deshonra vil, prefiro a morte!»



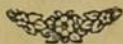
SISYPHO

COMO Sisypho — a victima da lenda —
A rolar o rochedo na montanha,
Tendo escripta nas faces a legenda
Da existencia infernal, escura, extranha ;

Entregue á lucta colossal, tremenda,
Que de sangue vivaz as mãos lhe banha,
Erguendo o fardo á alcantilada senda,
Sem nunca interromper lida tamanha :

Assim, por entre os cardos da existencia,
Ergo, offegante, á rispida eminencia,
Como um supplicio atroz, duro rochedo...

Um grande amor... Abranda-te, minh'alma !
Céssa, doida illusão ! O' dôr, acalma !
Coração, não reveles o segredo !





ADORMECIDA

I

DORMES. Sobre o velludo d'almofada
Repousas meiga a face purpurina
Por um bello sorriso illuminada.

E' cedo. A claridade matutina,
Manso beijando a cupula estrellada,
Vae suspendendo a rútila cortina...

Desperta a natureza dos enleios
Da noite de luar; e tu, formosa,
Entregue ainda a castos devaneios,
Vaes prolongando a noite esplendorosa...

—Braços em cruz guardando os niveos seios —
Qual guarda a concha a perola mimosa,
Dormes feliz, sem timidos anceios,
Sem as paixões da vida tormentosa.

II

Não venho perturbar-te o sonho lindo,
Nem te oscular a palpebra cerrada;
Vejo-te a bocca rúbida sorrindo
Como sorti no céo a madrugada.

Em que sonhas ? Que gozo ethereo, infindo,
Transluz em teu semblante, Lola amada ?
Que mundo vês além, entreluzindo,
Róseo, através da palpebra rosada ?

Que sol te doira o somno de innocencia ?
Em que elevada e limpida existencia
Divagas a sonhar, anjo risonho ?

Mas de leve estremeces... Não, querida !
Não despertes ! A magua desta vida
Não vale as alegrias de teu sonho !



LUCTA DE PROMETHÊO

QUAL planeta na esphera diamantina
Preso do sol á rútila influencia,
Arreatado á universal cadencia,
A' poderosa força que o fascina,

Assim te sigo ancioso. Cumpro a sina
Que me traçaste á túrbida existencia !
Não posso oppôr altiva resistencia
A' luz de teu olhar, mulher divina !

Punge-me ás vezes intima saudade
Do que fui, da perdida liberdade,
Da minha nobre aspiração suprema !

Porém, qual Promethêo acorrentado,
Si tento revoltar-me allucinado,
Apérto mais a suffocante algema !



ANTE O RETRATO DE DANTE

Ao contemplar a pallida figura
Curvada a meio sobre o livro aberto,
E em traço firme, vigoroso e certo,
Compondo a sós a celebre escriptura;

Ao ver-lhe a grave e larga curvatura
Do craneo altivamente descoberto,
Creio sentir, a fulgurar de perto,
Da Renascença a grande aurora pura!

E murmuro: « Teu genio sublimado,
Aos infernos e aos céos arrebatado,
Por sobre as gerações paira pujante!

O tempo curva-se ao teu vulto egregio!»
E, enlevado, commetto um sacrilegio:
— Oscúlo a effigie divinal do Dante.



PAIXÃO DE MIGUEL ANGELO

«QU'IMPORTA que o mundano preconceito
Prohiba ao meu amor de idolatrar-te?
Qu'importa que se eleve em toda a parte
Barreira enorme a suffocar-me o peito?»

Não devo os meus extremos consagrar-te,
Eu! que ao bello, ao sublime rendo preto,
E que a teus pés, com intimo respeito,
Amo a virtude quanto adoro a arte?

Dá-me a gloria!» supplica o visionario
— Architecto, pintor e estatuario —
Em intima oração de afflicto monge.

Mas Victoria Colonna bella e grave
Qual de um sonho visão, branca e suave,
Circumdada de luz, esvae-se ao longe...



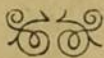
MERGULHADOR DE SCHILLER

O pagem nadador que Schiller canta
Vae ao fundo do mar buscar a taça.
Maravilhado o Rei de audacia tanta,
Quer que a novo capricho satisfaça.

Torna a arrojjar a taça e a mão da Infanta
Promette ao joven como regia graça.
Louco de amor, o pagem se adeanta
E cae ao mar, sorrindo ante a desgraça.

Soffre a infeliz Princeza intensa magua,
Não vendo resurgir á tona d'agua
O noivo, que morreu nas ondas cérulas.

Assim tambem, ó Musa, te amofinas,
Por ver que d'entre as ondas crystallinas
Não surjo á luz do sol trazendo perolas.



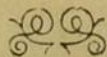
ESTATUA GREGA

SURGE, gloriosa, de marmorea espuma,
Como do mar a Venus donairoza,
Branca mulher — a perfeição é summa —
Tendo d'Aspasia a Fórma esplendorosa.

Desnudada Rainha, ella reçuma
A soberba de Juno caprichosa ;
Commove, exalta, sem mostrar nenhuma
Alteração na face majestosa.

Phídias, surpreso, ao contemplar-lhe o vulto,
Curva o joelho em fervoroso culto
E sagra-lhe paixão insana e fatua.

Abraça e beija o esculptural encanto...
Fala-lhe... e sente, com supremo espanto,
Que é fria e morta a divinal estatua !



ALMA FORTE

EMBORA insanamente torturada
— Cabeça em febre, em sangue o coração,
Rôtas as vestes nos sarçaes da estrada,
E de amargo suor banhando o chão,

Inunda-te em frescores de alvorada,
Musa ferida! Em casta irradiação,
Sacóde o pó da chlâmyde sagrada,
Distende as brancas azas n'amplidão!

Descreve, pelo espaço tormentoso,
Um giro triumphal, pleno de goso,
Suffocando no peito a dôr atroz!

Envolvem-te a procella e os céos em brazas?
Qu'importa! Envérge firme as largas azas!
Supplanta as tempestades, albatroz!



MINS, HVEM DU ÄR!

ALMA FORTE

(Tradução em sueco)

TYNGA dig qual, dem ej du mäktar tälja,
är utaf ängestsveitt din panna kall,
nödgar dig något dämpa känslans svall,
måste i hvarje stund din gråt du svälja,

Sångmö, din frihet dock de ej får sälja!
Blif ingens, icke ens din sorgs, vasall!
Nej, innan, än din egen kraft är all,
upp att en värdig tillflyktsort dig välja!

Mot ljusa rymder dina vingar spänn,
högt ofvan stormar, ofvan moln dig svinga,
och för en stund dig stark och frigjord känn!

Hvad än dig sker, tro ej din kraft för ringa!
Om mot ditt bål än riktas tusen bloss,
glöm ej att du har vingar, albatross!

Göran Björkman.

Stockholm.





OS CANARIOS

Na florída janella
Que a madresilva de festões enróla,
Collocára a donzella
A pequena gaiola,
— Palacete encantado
Em que a vida passava alegremente
Um lindo belga, um musico inspirado,
Um genio, que excedendo aos mais notorios,
Não precisou cursar conservatorios,
A modular contente,
Qual principe em chalet, travesso, e louro
Como uma pluma de ouro.

Si alguma vez o via com fastio,
Rosina, segurando com carinho
Entre os labios um leve pedacinho
De pão-de-ló macio,
Offerecia a bocca nacarada
A' ave afortunada,
Que a beijava, amorosa e saltitante,
Qual si beijasse apaixonada amante!
Feliz canario! Após a refeição,
Subtilmente molhava o bico nagua
E trinava em seguida uma canção,
Um hymno triumphante,

Como um protesto á magua,
Como um bello signal de gratidão.

Conversavam ás vezes. Quadro lindo!
Elle, alegre, cantando; ella, sorrindo:

«Como feliz tu passas a existencia!...
E's um rei nesta aérea residencia,
A cantar, a saltar pelos poleiros,
Sem a turba servil dos lisonjeiros!
Si acaso me deixasses, que tristeza
Não soffrêras! Que angustia nunca vista!
—Vida de soffrimento e de crueza,
A beber agua turva nos regatos,
A procurar debalde pelos mattos
Um raminho de alface, um grão de alpista!
Como alguém que a chorar se desconsóla,
Na tua soledade,
Ou morrias de fome ou de saudade,
Saudade desta esplendida gaiola!... »

O passaro, gorgendo
A musica divina,
Dizia, ou forte ou brando:
« Enganas-te, Rosina!
Quando um dia adejar pela amplidão,
Poderei eu acaso, ante a grandeza
Do infindo azul, de toda a natureza,
Recordar com saudade esta prisão?
Pois eu que tenho sêde do infinito
E jamais sentirei çansaço na aza,

Preferirei o espaço circumscripto
Desta pequena, imperceptivel casa?
Abrazo-me de ardores!
Pulsam-me nalma aspirações tão grandes,
Que invejo a herculea força dos condores
Para arrojarm-me muito além dos Andes!

Sei que te afflige a confissão sincera;
Porém devo dizer-te: — Um dia, quando
Tu'alma, que é risonha primavera,
Florir as illusões que vêm brotando,
E alguem approximar-se, commovido
Ante esse esbelto porte seductor,
Murmurando enlevado ao teu ouvido:
Adoro-te! e sentires pela face
Vivissimo rubor,
Como refulge á noite esplendorosa
Um meteóro rútilo e fugace;
Quando ouvires a musica do amor
— Ai! de certo bem mais harmoniosa,
Mais fremente de encantos
Que os meus sentidos cantos —
Quando emfim da paixão tu fôres presa:
A tua propria mão
Causará a surpresa
De vir abrir-me a porta da prisão!»

Ella ouvia-o cantar, mas não sabia
Que coisas o canario lhe dizia.

Em breve praso, um ente predilecto,
Terno amor contraído desde a infancia,

Despertou em Rosina um grande affecto,
— Dulcissima fragrancia
A embalsamar a recatada estancia.

Rosina amava com ardor profundo,
Como se pôde amar sobre este mundo.

As suas mais risonhas phantasias,
Desejos de elevar-se venturosa
A outra esphera azul, mais luminosa ;
Douradas utopias,
Mimoso pranto a furto derramado,
Vagos pezares, doidas alegrias ;
Tudo quanto sentia de encantado
No coração a transbordar de aromas ;
Tudo quanto a fazia suspirar,
Arfando as niveas pomas,
Como suspira o mar
Inundado em fulgores de luar ;
Como suspira a aragem
A balançar o languido perfil
Das flôres, ciciando uma linguagem
Mysteriosa e subtil ;
Tudo quanto a paixão segréda, inspira
E faz com que famoso estatuario
Arranque, como estrophes de uma lyra,
Deusas pagãs do olympico sacrario
Da natureza esplendida e marmorea ;
Tudo que é febre, enthusiasmo ardente,
Santa loucura de attingir á gloria :
Ella depunha, pallida e tremente,

No puro altar sagrado, irradiante,
Em que adorava o busto adolescente
De seu primeiro amante.

Quanto ella era feliz ! A natureza
Parecia-lhe noiva engrinaldada,
Scintillante de joias e belleza,
A receber na fronte immaculada
Um ósculo do sol ! Tão venturosa
Se julgava Rosina,
De tudo descuidosa,
Que se esqueceu de dar o necessario
Ao cantador canario,
Que desprendia a voz sempre argentina !
E no dia seguinte o mesmo olvido !
O passaro trinou, já pouco forte,
Misturando no cantico um gemido
De quem vê perto a morte.
Rosina poudo ouvil-o. Num momento
Corre a dar-lhe alimento ;
Mas, quando lhe abre a porta, alguém reclama
Entregar-lhe uma carta ; ella abandona
A gaiola, ao ver letra de quem ama,
Daquelle por quem toda se apaixona.

Curiosa lê, defronte da janella,
Quatro linhas da epistola singela :

« Não posso unir-me a ti ! Um juramento
Prende-me o coração, prende-me a vida
A' mão de outra mulher ! Oh ! que tormento !...
Despreza-me, querida ! »

No canapé tombando desmaiada,
Deixa cahir a carta malfadada.

Ao despertar da syncope sombria
— A primeira agonia
Que lhe ennuclava a fronte de creança —
Olhou para a gaiola : o meigo louro
Fugia sem tardança,
Qual si buscasse, ardente de esperança,
Um precioso thesouro !

Scintillavam no espaço as azas de ouro !

.

Chorosa, ajoelhada, em triste aneio,
Qual consternada estatua da afflicção,
Levou Rosina a mão ao casto seio
— Ao soluçante, angelico sacrario —
Seguindo o vôo da ave namplidão,
E sentiu que outro affecto, outro canario,
Tambem lhe abandonára o coração.



A DOMADORA

PERANTE a grande multidão curiosa
Que doidamente applaude e que condemna,
Ella exhibiu-se, impávida e serena,
Cingido o corpo em chlâmyde pomposa.

Entrou nas jaulas e afagou mimosa
De hyrcano leão a túrbida melena ;
O tigre, o lobo, a carniceira hyena
Curvaram-se ante a força prestigiosa.

Quando a beijaram cannibaes pantheras,
A turba, num transporte delirante,
Fez-lhe ovações estrídulas, sinceras.

Porém ella chorava nesse instante :
Chorava não poder, entre as mais feras,
Domar o fero coração do amante.





A CHRISTOVÃO COLOMBO

DIVE pé sobre o convés, batido pelo vento,
Sentindo em torno o mar a rebramir violento
Como um monstro feroz na treva a protestar ;
— Um átomo perdido em meio do infinito —
Sobre a agulha o olhar continuamente fito,
E tormentoso o céu e *tenebroso* o mar ;

Sem ver costa ou pharol no revolto proscenio,
O genio, illuminado á luz do proprio genio,
Affronta sem temor os rudes vendavaes.
Quaes azas de albatroz, as enfunadas velas
Parecem provocar a sanha das procellas
E para o sol poente avançam mais e mais...

A fé exalta o ardor ao forte navegante :
Consulta o astrolabio, a bússola, o quadrante,
E aponta no horizonte a róta a percorrer :
« Dalli ha de surgir a terra que procuro ! »
Mas o tempo se alonga e a bruma do futuro
Faz a triste companhia, em susto, esmorecer.

De electrica descarga o horrisono rebombo
Não enruga sequer a fronte de Colombo,
De pé sobre o convés, qual sobre um pedestal !
Qu'importa a confusão revolva os elementos
E a furia impetuosa, indomita, dos ventos
Arraste a natureza em circulo infernal ?

« Em tres dias vos dou a terra promettida,
A terra que entrevejo esplendida de vida,
Qual dos povos hebreus a bella Chanaan ! »
E, céos ! antes de findo o diminuto praso,
O gageiro, no tópe, a perscrutar o occaso,
« Terra ! Terra ! » bradou, sorrindo, uma manhã !

Pelo espaço cruzou uma alegria — uma ave !
Pouco e pouco um perfume edenico e suave
Fez palpitar de goso o peito aos europeus.
Curvaram-se os heróes da celebre viagem,
A proferir, em côro, altissima homenagem
De intensa gratidão e puro amor a Deus !

Ao contemplar, surpreso, a rara maravilha,
Ao ver surgir do mar, entre festões, uma ilha,
Sentiu Colombo o pranto humedecer-lhe a tez...
Não póde a penna audaz, não póde a lingua humana
A emoção descrever, sagrada e soberana,
Que o peito fez arfar do grande genovés !

Em sonho, acaso viu a encantadora imagem
Desta terra feliz que arroja na passagem
Inventos ao porvir por sobre as multidões,
Formosa, a abandonar o seio das florestas,
Para dar ao trabalho estrepitantes festas,
Altiva, a despertar a inveja das Nações ?

O genio imaginou que a terra que surgia,
Como a Venus, do mar, devêra ser um dia
Emporio do progresso, a patria do vapor,
Emissaria da luz, contraria á sombra tetrica,
Indo ás nuvens roubar a claridade electrica
E dar á humanidade o maximo esplendor ?

Sublime transição ! O louco visionario
A abrir da natureza o magico sacrario,
E, pobre, dar ao mundo um mundo superior !
Pequeno, a ver o mar — o tórvo mar de Atlante —
A cantar docemente um hymno triumphante,
Qual um escravo nubio ás plantas do senhor !

Salve, salve, Colombo ! A tua immensa gloria
De luz illuminou os porticos da historia,
Rasgando á humanidade a senda do porvir !
Do bello pedestal em que soberbo impéras,
Vês, quaes ondas, passar as transitorias éras !
Venceste o mar, e o tempo aos pés te foi cahir !



O FERREIRO

Eu gostava de ver a valentia
Do musculoso obreiro já grisalho,
Cuja fronte banhada em santo orvalho
A' luz da ardente forja resplendia.

Que rijeza de pulso! Que alegria
Tinha sobre a bigorna do trabalho
A vibrar firmé, estrepitante, o malho,
O malho que só elle suspendia!

Eu, si ás vezes nas artes tenho ingresso
E vou tambem, qual simples jornaleiro,
Unir-me aos operarios do progresso,

Não abato a cerviz; mas, altaneiro,
A's porfiadas luctas me arreméso
Seguindo o nobre exemplo do ferreiro.



EM CONSTELLADA NOITE...


Em constellada noite, quando fito
A vasta e palpitante immensidade,
O pensamento quer, com anciedade,
Perscrutar os mysterios do infinito.

Escuto-o, em sonho, a interrogar afflicto :
« Donde irradiá a eterna Divindade,
Si dos astros a infinda quantidade
Jamais espaço encontra circumscripto ?

Onde está Deus ? » E o pensamento, estuoso,
Em gigantesco voar vertiginoso
As estellares amplidões percorre...

De mundo em mundo, no aspirar insano,
Tenta engolfar-se no profundo arcano...
Mas no abysmo insondavel tomba e morre.





ALTO DA SERRA

Como é soberbo o panorama agreste
Que em torno descortino !
Quanto effeito de luz pelas quebradas !
Que delicados tons ! esmeraldino,
E verde-escuro, em sombras carregadas,
E ao fundø, a recortar o azul celeste,
Serranias de azul ultramarino !

Prodigioso pincel
Fez brotar da gigantea phantasia
A vasta encenação deste painel !
O sol, o gigantesco lampadario,
Rompendo a gaze da neblina fria,
Apotheósa a pompa do scenario !

Em contorções sequiosas, compressivas,
Enroscam-se as orchídeas com violencia
A' ramagem das arvores altivas.
O concentrado ouvido quasi escuta
O frenesi da lucta,
Lucta pela existencia.

Soam nas pedras limpidas cascatas
E rolam pela Serra alegremente,
Indo levar a rapida torrente
A' profundez das inviaveis mattas.

Cada vez menos denso,
O nevociro esgarça-se, e, subindo
Do valle á Serra e pelo espaço infindo,
Semelha rôlos de sagrado incenso...

Forte apitar do trem pelas montanhas
Produce, em echos, vibrações extranhas...
Rumor das fontes, o cantar das aves,
Orchestração mysteriosa, idyllica,
Recorda um hymno a estremecer as naves
De festival basilica.

Collocada em poetica ladeira,
Pequenina choupana
Faz ondular o fumo da lareira
E olor de rosas levemente emana.

Sorrindo, entregue ao maternal enleio,
A' luz do sol de resplendente brilho,
A' porta, uma mulher alcita o filho
No intumescido seio.

Um homem que regressa dos labores,
Acaricia a face da creança
E das fadigas asperas descança
Fitando os seus dois unicos amores.

Invejo-te o viver, serrano obscuro,
Indifferente ao social bulicio!
Circumscreves no lar o teu futuro!
Não sabes que irmãos teus — os denodados

Filhos do Sul — em barbaro supplicio,
Pela guerra civil são destroçados !
Não te requeima a arteria palpitante
A febre do amor patrio que calcina !
Neste bello proscenio deslumbrante
Outra paixão te arrasta e te domina !
Tens, em vez de fumaça asphyxiante,
O perfumado ambiente das florestas !
Em vez do sangue a avermelhar os campos,
Rúbidas flores a saudar-te em festas !
Fulgem-te á noite estrellas, pyrilampos,
E não canhões feraes da artilheria !

Attonita e surpresa,
Tua alma se gloria,
Engolfada nos grandes esplendores,
Na majestade desta natureza !
Alheio á guerra, a odios, a vinganças,
Do pesado trabalho tu descanças
Em meio de teus unicos amores !
Ao passo que minh'alma compungida,
Torturada em crueis desesperanças,
Casa a rude existencia atormentada
A' infrene desfilada
Deste agitado trem... chamado vida !

Alto da Serra, estação da estrada de ferro de
Paulo a Santos. Maio de 1895.



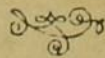
A LENDA DO JUDEU ERRANTE

PROSTRADO pela cruz de peso extraordinario,
O justo percorria a rua da Amargura,
Sentindo, longe ainda, o cimo do Calvario
— O desejado termo á trágica tortura.

Parou junto ao portal de ríspido operario
E quiz sentar-se ahi a arfante creatura ;
Mas Ashavéro, a rir do martyr missionario,
Não teve compaixão daquella desventura.

Impelle-o brutalmente e brada-lhe : « Caminha
Caminha!» Christo, ouvindo a rude voz mesquinha
Voltou sereno o rosto e disse esta verdade :

« Caminharás tambem, sem patria, sem abrigo
Sem ter em toda a terra uma affeição de amigo
Caminharás, judeu, por toda a eternidade ! »





NOITE DE LUAR A BORDO

À lua, a branca Ophelia, brandamente
Extende o mysterioso véo de prata
Pela amplidão dormente
E no rio espelhante se retrata,
A recordar sultana
Que a se rever num lago devaneia.

Trasborda o rio, e a cheia
Alaga a verde alfombra da savana.
Por entre as ramarias
Dos sarandys curvados sobre as bordas,
Geme a corrente vagas harmonias
Como dum bandolim as tenues cordas...

Embalsamam-se os ares de fragancias
Agrestes, das campinas
Orientaes e argentinas,
E além, sobre os outeiros,
A luz branqueia as casas das estancias
Ornadas de coqueiros.

Que scenario contemplo !
A lua que em fulgores se dilata,
Semelha enorme lampada de prata
A illuminar um templo.

No salão de recreio uma hespanhola
Gorgeia, acompanhando-se ao teclado,
Um romance amoroso que se evóla
Ao céo todo estrellado :

« Todo acabó ; estinguida
La antigua llama siento !
No exhale ni un lamento
Mi altivo corazon.
Que el mas completo olvido,
Rasgada ya la venda,
Sobre mi amor estienda
Su funebre crespón ! »

Recosto-me á amurada
Da pôpa, a ver a espuma alvinitente
Que as rodas do vapor em giro ardente
Levantam na carreira arrebatada.

Alguem que não conheço
Acérca-se de mim. Não me recordo
Das palavras trocadas no começo
Da convivencia que mantive a bordo.

« Como é bello o Uruguay ! disse enlevada,
A suspirar de manso.
Como elle espélha a noite constellada !
De vel-o não me canço !

Para onde vae, senhor ? »

— Eu, volto aos lares,

A Porto Alegre, após dorida ausencia.

« Eu á França, e cruciada de pezares

Que me tornam supplicio esta existencia.

Preciso de viajar. A vida agora

E' para mim prisão. »

E naquelle semblante adolescente

Que a lua romantiza e mais descóra,

Uma nuvem passou, triste e silente,

Como passa chorando uma illusão.

— Sofre acaso, senhora ?

« Sim ; procuro

Sanar a dôr pungente

Que sinto a torturar o coração.

— Tenha fé...

« Eu não creio no futuro. »

— Acaso ameu ?

« Amei ; mas fui trahida.

E' vulgar, como vê, banal a historia

Que me amargura a vida.

Amor ! paixão ! miragem transitoria

Que enlouquece a razão e o sentimento,

Fenece num momento !

Sei que devo esquecer o noivo ingrato

Que desfez, sem piedade, as minhas crenças ;

Mas muitas vezes beijo o seu retrato,

Sentindo aqui saudades bem intensas ! »

E bella e envolta no clarão da lua,
Afflictamente comprimia o seio.

No salão de recreio
O canto da hespanhola continúa :

« Oh ! quanto te adoraba !
Porqué no confesarlo ?
Cautiva, sin pensarlo,
Me vi de tu beldad !
Y hoy mismo que te huyo,
Si hé roto mis cadenas,
A costa de hartas penas
Compré mi libertad ! »

E a doente saudosa proseguia :
« Vou visitar Pariz. Esta senhora
(Disse indicando alguém) é minha tia,
Uma alma compassiva que me adora,
E me serve de mãe nesta agonia
Que sinto, a definhar-me d' hora em hora.
O senhor é feliz ! Já foi amado
E continúa a sel-o... Não é certo ?

Não respondi : sentia igual deserto
No coração ferido e torturado.

No florescer dos annos,
Dezenove talvez, a desventura
Alquebrava a mimosa formosura,
Sob o peso de atrozes desenganos.

Quanta magua sentia em morrer cedo !
Seu nome ? E' meu segredo.

Entregue ao profundissimo desgosto,
Deixava a lua illuminar-lhe o rosto.
No salão, entretanto,
Como um canario a modular contente,
Soava docemente
Da faceira hespanhola o terno canto :

« Porque tiernos recuerdos
Me asaltan de otros dias,
Flotantes armonias
De um canto que espiró ?
Aun cuando el sol se esconda
Trás las nevadas cumbres,
Revelan sus vislumbres
Mi sueño que pasó ! »

A natureza em torno estremecia
De infinita poesia.
Naquelle bello instante,
A lua, namplidão, banhada em gloria,
No zenith, seguia a trajectoria,
Serena e triumphante.

Nenhuma nuvem pelo céo suspensa.
A vasta immensidade,
Mysteriosa e funda como a crença,
Esplendia a solenne majestade.

Com intima tristeza,
A joven desditosa
Ia soltando as folhas de uma rosa
E as deixava cahir na correnteza...
Depois, em vago anceo,
Reclinando a cabeça sobre o seio
Da velha commovida,
Verteu nervoso pranto,
Derradeiro talvez de toda a vida.

E resoava no salão o canto :

« Mas no ; nada perturbe
Tu misteriosa calma !
A qué desear la palma
De mi desgraçado amor ?
Que Dios que nos escucha
Dé paz á tu existencia !
Yo guardaré la esencia
De la marchita flôr ! »

Reprimindo a emoção, dizia a doente :
« Fidelidade eterna, beijo ardente,
Jura de noivo a protestar, chorando,
E' sonho de demente,
Um mytho neste globo miserando ! »

E olhando o calmo céu resplandecente :

« Além, nalguma estrella scintillante,
Não formada do lodo deste mundo,
Talvez possa minh'alma — doida amante —
Calmar a febre deste amor profundo.
Serei feliz ! Quem sabe ?... »

E a voz tremia
De ciume e de agonia.

« Veja as mãos como escaldam ! »

E confiante,
Estendeu-m'as chorosa. Nesse instante,
Em que a vi junto a mim, sentida e bella,
Extranha sensação de lucto e goso
Senti pulsar no coração queixoso
Que partilhava a sorte da donzella.

Forte accesso de tosse convulsiva...
Um soluçar intenso
Humedece-lhe os labios. A saliva
Molha de sangue o pequenino lenço.

Contemplo-a pensativo,
Oppresso o peito a tanto soffrimento,
E a pesar meu, revivo
De meu passado um intimo tormento,
Tambem sem lenitivo...

E emquanto duas almas
Expandem no silencio a mesma dôr,
Soam bravos e palmas
No salão de recreio do vapor.

SR JO

NOITE GLORIOSA

« **D**ESCREVE-ME esta noite deslumbrante,
Este céo que de estrellas se constella,
A grande maravilha palpitante
De sós cravados na azulada tela !

Descreve, numa estrophe rutilante
Em que a chamma sagrada se revela,
A lua, a scismadora deusa errante
Que divaga a sorrir, desnuda e bella !

Canta, poeta, a augusta majestade
Que nos rodêa : a luz, a immensidade,
Tudo quanto respiro e sinto e vejo !

Em premio da tarefa sublimada,
Que desejas ? A gloria ambicionada ? »
— Sim, amor ! Quero a gloria de teu beijo !



NO BANHO

TOMBA-LHE aos pés a tunica de neve,
E na plena nudez mais provocante
Aproxima-se da água murmurante
E quer ao mar lançar-se... e não se atreve.

De pedra em pedra salta, airosa e leve,
Como uma ave de mimo captivante,
Expondo ao sol que a beija a todo o instante
Maravilhas que a pena não descreve.

Salta nua. Espumantes as ondinas
Envolvem-na de gotas crystallinas
Dos pés á cabelleira negra e basta.

Após ligeiro instante, eis-a! apparece
Tão cheia de esplendores, que parece
A imagem de uma Deusa, nua e casta!





A GALÉRA

VÓGA, através dos tempos, a galéra,
— A Vida — que nos leva a extranhas plagas,
Ora ao silvar de tempestade fera,
Ora ao vaivem de balouçantes vagas.

De que ponto da terra fez partida ?
Talvez d'Asia central. Qual sua idade ?
Tenebrosa questão não resolvida.
Qual seu destino ? O vago, a eternidade.

Ou gemendo ou sorrindo, ella percorre
Ha millenios a rota do infinito,
E a cada geração que lucta e morre
Outra nova se arroja no conflicto.

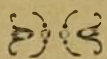
Agonizar de velho, rir de infancia,
— Cahir de occaso, enrubescer de aurora —
Vicio e virtude, sciencia ou ignorancia,
Ligados tombam pela borda fóra.

Prosegue a Vida — as velas desfraldadas —
Ou brilhe o sol sobre a planicie funda,
Ou, a fremir de nuvens carregadas,
A noite espalhe escuridão profunda.

Entre a alegre celeuma dos contentes
Ah! quanta vez o coração não chora,
Ao contemplar estremecidos entes
Mortos, lançados pela borda fóra!

Mas não jazem no olvido os captivantes
Affectos a que damos sagrações :
Nós os sentimos fluctuar constantes
No mar sem termo das recordações.

Si o materno, bemdito sustentaculo
Nos foi levado agora na corrente,
Façamos da saudade um tabernaculo !
De nosso coração — camara ardente !



FITANDO ESTRELLAS

RECLINADA a meu hombro, ella, sorrindo,
Murmurava, indicando-me as estrellas :
« Quizera na amplidão voar, ir vel-as,
Engolfar-me na luz deste céo lindo !

Si a alma vae ao céo num goso infindo,
Talvez eu possa um dia conhecê-las !
Que prazer não terei, vagando pelas
Constellações que vejo reluzindo ! »

Pensativa, mais alva que alabastro,
Scismava, divagando de astro em astro,
Longe do mundo, longe dos escolhos...

E naquelle mysterio venerando,
Eu tambem me enlevava, contemplando
O brilho das estrellas... nos seus olhos.





O DUELLO

(BALLADA ANTIGA)

No vetusto salão de austera fidalguia,
Ornado de brazões e bustos ancestraes,
Dois jovens, dois campeões, de força e gallardia,
Cavalleiros e irmãos, e, pela fama, eguaes,
Por destino fatal encontram-se rivaes,
Votando á mesma dama intenso amor fremente.
A luz do lampadario, a sós, de frente á frente,
Espadas a cruzar, em giro ameaçador,
Pareciam dizer, no conflicto inclemente :
«Luctando, hei de alcançar o meu sonhado amor!»

O ríspido golpear tinia e retinia
Nos muros ; as viris imagens patriarchaes
Daquella veneranda, egregia galeria,
Relembrando os laureis das batalhas campaes,
Em defesa da patria e dos direitos reaes ;
Os guerreiros-avós, ao ver o duello ardente,
Culpado, fraticida, inglorio, deprimente,
Despediam do olhar lampejos de furor !
Mas ouvia-se a voz de cada combatente :
« Luctando, hei de alcançar o meu sonhado amor!»

Ferido fundamente o braço que feria,
Os peitos a sangrar nos assaltos mortaes,
Em breve, cada athleta, arquejante, caía,
A soltar da garganta estertorados ais !
Succumbiram assim descendentes marciaes
De familia de heróes — a progenie valente !
Morreu no lampadario a luz intermittente...
Silencio... escuridão... ensanguentado horrore
Não mais se ouviu soar a aspiração vehemente
«Luctando, hei de alcançar o meu sonhado am

OFFERTORIO

O' poeta-estatuário, ousado estheta e crente,
Fidalgo e cavalleiro e apostolo fervente,
Que na Arte concentraste o teu sublime ardor
Tu, sim, podes bradar, ancioso, febrilmente :
«Luctando, hei de alcançar o meu sonhado am



GRANDE, IMPONENTE, O LARGO MAR VOZEIA

GRANDE, imponente, o largo mar vozeia,
E as ondas, em constante marulhada,
Batem contra o recife, e sobre a areia
Vêm morrer, em surdina compassada.

Ao ver surgir formosa a lua cheia
Sobre a cidade, ao longe desenhada,
A phantasia, em goso, devaneia,
Como num sonho enorme arrebatada.

Sedenta de ascensões, minh'alma anciosa,
Toda engolfada em sideral mysterio,
Contempla a branca esphera luminosa,

E quer, num giro astral, forte, bemdito,
Transpondo, além, o firmamento ethereo,
Percorrer as estrellas do infinito.



NA ARENA


À PRAZ-ME vêr-te assim, num ímpeto selvagem,
Partir, galgar dum salto o dorso do corcel,
Mostrando na expressão a impassível coragem
Dum Hercules viril, sem maça e sem broquel.

Na carreira febril, na rápida passagem
Sobre infrene animal espumante e revel,
Recordas dum centauro a vigorosa imagem
Por entre as ovações que arrastas de tropel.

Entre o cerrado pó que se eleva ondulante,
Perpassas a sorrir, altivo e triunphante,
Sob a forte explosão das palmas das platéas...

Que famosos laureis na fronte cingirias,
Si pudesses tambem, fremente de alegrias,
Partir, saltar, vencer na arena das idéas !





A CARLOS GOMES

I

QU'IMPORTA ? Não foi ella, a morte, a vencedora !
Não apagou no pó, na treva aterradora,
A mente a se evolver em mais radiosa luz !
Quebrou-lhe o pedestal terreno, derribou-o
Do soberbo alcantil, mas não tolheu o vôo
Da essencia que immortal nova fórma produz !

A morte não destróe as creações do genio !
Do presente ao porvir alonga-se o proscenio,
Qual—duma estrella a outra—a eterna luz astral !
Permanecem na terra os grandes pensamentos,
De duração maior que egypcios monumentos,
Impondo ás gerações respeito cultural !

Concentrando no peito o ardor do Novo Mundo,
Quizeste ir expandir o talento fecundo
Onde a Arte solenniza as grandes sagrações :
Na patria de Colombo e Galileu e Dante,
De Pórpora, Rossini e Verdi e Mercadante,
Foste um nome estrellar entre constellações !

Quem, longe, te inspirou ? A profunda saudade,
A saudade da patria, a erma soledade
De um coração que soffre em continuo luctar !
Em sonhos, a revêr a pompa das florestas,
Dos selvagens o amor, o ciume, a guerra, as festas
Tu'alma se enlevou num livro de Alencar !

E, Artista, interpretaste, em éstos de harmonia,
Das aves o cantar e a épica poesia
Dos hymnos triumphaes dos rudes Aymorés !
E a tua inspiração, sublime de grandeza,
Bella como o esplendor de nossa natureza,
Fulgiu, irradiou dos tempos através !

Pulsou-te na existencia um palpar de glorias,
— Mundo de commoções, de febre, de victorias,
Que vinham como um sol em nós resplandecer
A patria, commovida ao teu fogoso impulso,
Sentia, entre ovações, um frémito convulso,
Orgulho nacional de te haver dado o ser !

E' que ninguem tão alto, em terra americana,
Uma batuta ergueu, briosa e soberana,
Desde as plagas bretãs ás regiões austraes !
Só tu, num recruzar de notas e de assombros,
Alçaste, novo Atlante, um mundo sobre os hombros,
E o levaste da historia aos bronzeos penetraes !

II

Uma sombra spectral eis desce da montanha...
Longa roupagem branca envolve a fôrma estranha
Que deixa após de si um rastro de fulgor.
De louros coroada, altiva e majestosa,
Recorda-nos Cornelia, a romana orgulhosa
Que aos filhos incutiu exemplos de valor.

E desce, desce mais do pincaro da Serra!
Um clarão sideral splende nesta terra
Como outr'ora o phanal que deslumbrou Bethlem!
Que deosa victoriosa assim se corporiza?
Por ventura é Vellêda, a drúida, a prophetiza,
Que nos vem desvendar os mysterios do Além?

Traços esculpturaes, o olhar pasma-se ao vel-os!
Douram raios de sol a alvura dos cabellos,
Servindo-lhe de altar um nimbo rosicler!
O porte gigantesco exalta, enthusiasma!
De que estrella desceu este bello phantasma
Que vem pairar aqui, em fôrma de mulher?

Quem és, visão errante, a allucinar as almas?
Vens acaso trazer mais louros e mais palmas
Ao grande sonhador que aos astros ascendeu?
« Sou mãe, poeta! Eu sou a terra dos Andradas!
Ao som das orações, das musicas sagradas,
Eu venho recolher um genio que morreu! »

E o cadaver tomando em suas mãos divinas,
Qual uma rara flôr brotada nas *Campinas*,
Beijou-o com calor, com intima effusão ;
Depois, como a Nióbe, em desespero enorme,
Rasgando o seio nú, exclama : « Filho, dorme ! »
E o sepultou alli, no proprio coração !

Santos, 21 de Outubro de 1896.



NOITE DE NATAL

ABRE-SE a porta, e o bando de innocentes
Louras creanças que a esperança embala,
Insofrido e curioso, invade a sala,
Ao som de risos, gritos estridentes.

Aos paes, todos saúdam sorridentes,
Nessa noite feliz, de festa e gala!
Verdejante pinheiro em torno exhala
Perfume e luz — repleto de presentes.

Soam trombetas, rufos de tambores
Defronte do presepio em que o Menino
Jesus sorri mimoso, entre esplendores.

Fulge outra luz no quadro peregrino:
Assoma aos olhos dos progenitores
Pranto de amor, brilhante e crystallino.



REMEMBER . . .

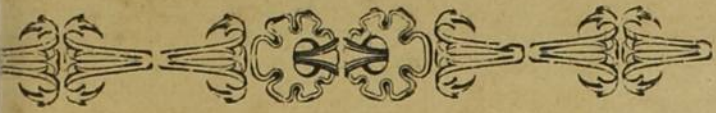
SEI que lembras, em extase suspensa,
Amor e crença de passadas eras,
Quando o teu ser, ardente de chimeras,
Só palpitava de paixão immensa.

Entregue á dôr occulta, mas intensa,
A recordar felizes primaveras,
Vertes saudosas lagrimas sinceras
Por ver perdido o amor, perdida a crença !

A vida é qual corrente marulhosa
Que as flôres de nossa alma arranca e leva
No turbilhão ruidoso, effervescente.

Depressa esvae-se a quadra venturosa !
Tudo quanto na vida nos enleva
Passa desfeito ao longo da corrente . . .





LICÇÃO DE GRAMMATICA

NUNCA o joven se vê a sós com ella:
A mãe, cosendo junto da janella,
Sempre assiste ás licções;
Mas, por mais forças que elle em si reúna,
Sente, em presença da formosa alumna,
Febris palpitações.

Tem por ella profundo sentimento;
Mas deseja occultar, como avarento,
O recatado amor;
Não dando mostras da paixão immensa,
Affecta a mais completa indifferença,
Como habil professor.

Julga a alumna uma estatua inerte e fria;
E, para convencer-se, quer um dia
Ouvil-a conjugar
Uma bella palavra, um verbo ardente,
Que faz pulsar o peito adolescente
O doce verbo *amar*.

« Diga o *futuro* deste verbo. »

E ella,

Sem leve alteração na face bella,

Responde : — *Eu amarei.*

« Muito bem ; mas si o tempo fôr *passado* ? »

Ella diz friamente : — *Eu tinha amado,*

Ou antes, *eu amei.*

« Como chama este modo *eu amaria* ? »

A moça lhe responde sempre fria :

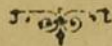
— *Condicional* lhe chamo.

« Diga o *presente indicativo.* »

A medo,

Ella confessa o virginal segredo !

Córando diz : — *Eu amo...*



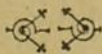
A'S CRIANÇAS

QUE gozo divinal eu sinto, quando
Recostado á janella, pensativo,
Contemplo o quadro esplendido, expressivo,
Das creanças que ás aulas vão passando !

Aquelle vozear ou forte ou brando
E sempre alegre, candido, expansivo,
Echôa na minh'alma em tom festivo
Como harmonia de plumoso bando !

Passae, turba feliz ! Vêde na escola
Que brilhante porvir se desenrola
Ante vós, aos lampejos da razão !

Estudae entre risos crystallinos !
Enchei de clara luz vossos destinos,
Que em vós reside a gloria da nação !



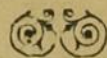
ANDORINHAS


QUANDO o quente verão se extingue, quando
O fresco outomno refrigera os ares,
Ellas, vibrando tímidos cantares,
Vão além, novo clima demandando.

Atravessam o azul, de bando em bando,
Bohemias, sem amor aos patrios lares;
Sem a oppressão dos intimos pesares,
Em caravana aérea vão cantando.

Assim tambem, ó creanças de outras eras,
Andorinhas azues, doidas chiméras,
Que me alegraveis no risonho estio,

Fugistes como os passaros errantes,
E não volveis jamais, nem por instantes,
A visitar o vosso lar vasio!





FESTA DO TRABALHO

A' hora do romper da madrugada,
Abre-se a fabrica ; o motor apita ;
Approximam-se, em longa desfilada,
Obreiros que o trabalho nobilita.

Homens, mulheres, jovens e pequenos,
Em rumores de alegres matinadas,
Mostram nos rostos de saúde plenos
Almas pelo dever entrelaçadas.

Entram todos ; occupam-se os logares ;
Cada qual tem tarefa competente.
Vae começar a bulha dos teares,
Das lançadeiras o girar ardente.

Ruge o motor, e as rapidas correias
Imprimem ás polés rodar insano ;
Urdem-se, tramam-se as ligeiras teias
A transformar-se em delicado panno.

Dentadas rodas na engrenagem soam ;
Rolam volantes ; a caldeira freme ;
Em seus vae-vens as lançadeiras voam ;
Tudo palpita ; o proprio solo treme !

E os homens, as mulheres e as creanças,
Naquella enorme lucta sempre intensa,
Têm como escudo a todas as provanças
A crença no trabalho, altiva crença!

E, ao concluir as lidas triumphantes,
Sorriem commovidos, prazenteiros,
Mostrando gottas de suor—diamantes
A engrinaldar a fronte dos obreiros.

Que imponencia na festa da officina!
Ante o concerto estrepitoso e vario,
Chego a invejar a fortunada sina
Do mais humilde e rustico operario!



VICTORIA DE PHRYNÉ

ACCUSADA do crime de impiedade,
Vae ser, de certo, condemnada á morte
A cortezã de mais formoso porte
Que na Grecia imperou naquella idade!

O povo, no Areopágo, em anciedade,
— Cultor da estatuária — sente a sorte
Do modelo de Venus, da consorte
De Praxitelles, na celebridade!

Hypérides, num raptó de eloquencia,
Rasga-lhe o manto e brada com violencia:
« Condemnae-a!... Mas vêde a fôrma sua!... »

Contempla-a o tribunal, cheio de pasmo!
E, sob acclamações de enthusiasmo,
Absolve o typo da Belleza núa!





UMA VISITA MEDICA

O banqueiro lhe diz : « Mandeí chamal-o
Para ver que molestia impertinente
Incommóda Leonor.
Ella é muito nervosa : um forte abalo
Prostrou-a ; sobreveio febre ardente.
Examine-a, doutor.

Queira entrar para a alcova. »

No aposento,

Entre a espumosa alvura das cortinas
Cerradas por igual,
Reposa um anjo lindo e somnolento
No mimoso frouxel das rendas finas
Do leito virginal.

Havia alli, no recatado ambiente,
Grato aroma de cravos e baunilha,
E um tépido calor.
Afastando as cortinas levemente,
Diz o pae carinhoso : « Minha filha,
Aqui tens o doutor. »

Vermelhas de rubor as faces bellas,
Ella os olhos que ha pouco dormitavam
Abrindo á viva luz,
Casta e surpresa, confrangeu as telas
Sobre os seios que livres palpitavam
Formosamente nós...

Para ver si a molestia era do peito,
O medico auscultou-a gravemente
Sobre o dorso gentil,
Conchegando-a com intimo respeito
E ouvindo o forte coração ardente
A palpar febril...


Auscultou-a, enlevado, ao ver aquella
Perfeição de mulher, lembrando a Venus
Que em Milo floresceu,
A branca estatua altivamente bella
— A gloria da esculptura dos hellenos —
Que o Louvre recolheu.

Collado o ouvido á pelle setinosa
Da donzella que a medo estremecia
De candido pudor,
Elle escutava a musica nervosa
Do peito que cantava a melodia
De apaixonado amor.

Ah! quanto desejára que a visita
Fosse longa, bem longa, interminavel,
Em extasis assim!...
Mas, repellindo o sonho em que se agita,
Tranquilliza o bom velho impressionavel
E receita por fim.

Manda vir um calmante, e, prazenteiro,
Vê a febre ceder in-continenti:
Sorri de orgulho então.
Mas, ao sahir da casa do banqueiro,
Percebe, dentro em si, novo doente:
— O proprio coração.





SONHO DE SANTOS DUMONT

COMO um exemplo do sublime esforço
Do ousado brasileiro,
Águias brancas levantam sobre o dorso
O carro que conduz o mundo inteiro.

E sobre o globo, a estremecer de pasmo,
O busto varonil
De Dumont, no sagrado entusiasmo
De erguer aos céos o nome do Brasil.


Proclama a Fama o infindo itinerario...
O Sol, a Lua, a Estrella Matutina
Dão intenso clarão extraordinario
A esta sagração quasi divina.

A eterna Gloria de azas distendidas
A' fronte de Dumont cinge a corôa
— Premio de todas as Nações reunidas
A' Idéa rara que no espaço vôa.

Como um meteóro na amplidão dos ares,
Resplende a Allegoria,
Sorrindo á ira dos revoltos mares,
Sobranceira ao fragor da ventania.

A Musa, deslumbrada ante a conquista,
Pergunta ao Genio em pleno azul profundo :
— Que intentas, arrojado phantasista ?
« Transpôr os pólos, contornar o mundo ! »





OITENTA E NOVE

Ó povo oppresso e a plebe maltrapilha
Cumprem alto dever:
Deitam por terra os muros da Bastilha
— Emblema do despotico poder.

Num momento de febre, de alegria,
De santa embriaguez,
Dietrich incita em chamma a phantasia
De Rouget, moço poeta montanhez.

E, pallido, de Lisle, a mente em fogo,
Em ancia o coração,
Inventa e canta, em patrio desafoço,
As estrophes da celebre canção.

Allons, enfants de la patrie ! dizia
Num brado triumphal,
E a esse canto a França estremecia
Como si ouvisse um hymno nacional !

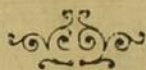
Em breve o canto ardente, immerso em gloria,
A fremir de valor,
Não é sómente um hymno de victoria,
Mas triste *De profundis* do Terror !

Ao som da forte imprecação leonina,
Que vibra ao coração,
Sóbe firme os degraus da guilhotina
O proprio Dietrich, o nobre ancião !

Rouget de Lisle, tremulo de espanto,
Pelo Jura a fugir,
Pergunta o nome do terrivel canto...
— *A Marselheza!* gritam-lhe a rugir !

A canção, como nenia funeraria,
Em breve resouu
Aos ouvidos da grei rev'olucionaria:
Danton, Robespierre, Vergniaud...

O facto *Oitenta e nove*, soberano,
Enche o mundo de luz ;
Porém *como Saturno*, o deus insano,
Devóra os proprios filhos que produz!



AO MAR

AMO-TE sempre, ó mar! Amo-te as bellas
Transformações grandiosas que apresentas,
Ora ondulante, a balançar as velas,
Ora batido de infernaes tormentas!

Quando no espaço as nuvens aguacentas
Despedaçam-se ao sôpro das procellas,
E, revoltado, o teu furor ostentas,
Que cyclopica força não revelas!

Em meio de contrarios elementos,
Bramir dos raios, sibilar dos ventos,
Convulsionar do pélago insondavel,

Eu quizéra casar notas troantes
A's tuas symphonias retumbantes,
O' immortal Beethoven formidavel!



CANTANDO


MLES iam cantando á flôr dos mares,
Ao som do vento que impellia a vela ;
Ageis gaivotas, recruzando os ares,
Manchavam, brancas, a azulada téla.

Deslisavam quacs rubros nenuphares
Embalados nas ondas ! A donzella,
Vibrando, alegre, limpidos cantares,
Dava aos sorrisos a expressão mais bella !

Ambos jovens, em plena puberdade,
Afoutavam-se ao mar com segurança,
Sem temer a longinqua tempestade.

Parecia que o céo, todo bonança,
Lhes dizia : « Cantae, ó mocidade !
São de rosas os mares da esperança ! »





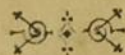
A JOSÉ DE ANCHIETA

GLORIA a ti, abnegado missionario,
Que te internaste nos sertões brasileiro,
Só tendo por escudo o breviario
E por armas a cruz!
Atravessando inhóspitas paragens,
Florestas virgens que só feras trilham,
Foste incutir nos corações selvagens
Doutrinas de Jesus.

Ao som fluente de teu verbo augusto,
Que commovia endurecidas almas,
Em rudes phrases guaranys, sem custo
Fazendo as prégações,
Transformavas as tabas dos guerreiros,
Onde constante golfejára o sangue,
Em asylos de paz, hospitaleiros
Sacrarios de affeições!

Inspirado na excelsa majestade
Da fertil natureza americana,
Ensinavas a crer na Divindade
Aos filhos de Tupã!
E do Evangelho diffundindo a crença,
Fizeste a luz resplandecer nos craneos,
Tal como a rósea claridade intensa
Que illumina a manhã!

Jamais tua alma se inquinou no vicio:
Indifferente ás tentações da carne,
Praticavas, no grande sacrificio,
Prodigios de valor.
Igual a Xavier, sinão mais forte,
Perduras nos annaes do Novo Mundo,
E no volver dos seculos, teu porte
Mostra eterno fulgor !



EM TREM DE FERRO

Eu ia, em trem de ferro, ver aquella
Cidade de La Plata peregrina ;
Sentava-se a meu lado, airosa e bella,
De mantilha hespanhola, uma argentina.

Com voz musicalmente crystallina,
Travou commigo pratica singela :
— *Mire usted, caballero, esta divina
Mañana!...*

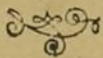
Eu contemplava os olhos della.

E por todo o decurso da viagem
Mostrava-me as bellezas da paizagem
Que corriam defronte da janella...

— *Mire usted como es rico este paséo !
No hay nada mas bello !*

«*Si, os créo !*»

E acreditava, sim, nos olhos della.



NOSTALGIA

APRAZIA-ME olhar, calmo e sósinho,
A vastidão intérmina do mar,
Ouvindo em volta o surdo borborinho
Das ondas em cadente suspirar.

Rasgava a prôa o liquido caminho;
E bandos de gaivotas a voar,
Qual si tivessem no paquete o ninho,
O seguiam, cortando leve o ar...

Nenhuma terra ao longe!... Que amargura
Ao ver-me na extensissima planura,
Na solidão profunda a meditar!

Saudade, amor da patria, venerando,
Tu me falavas n'alma, contemplando
A vastidão intérmina do mar!





A VOZ DO TIRADENTES

SCENA PHANTASTICA

O cenário representa a praça do Rio de Janeiro em que foi martyrizado o Tiradentes. É noite. O heróe surge do chão, rovestido da aiva de enforcado. Depois de olhar em torno de si, como que a interrogar a sombra :

Que funda solidão! Como esta terra
Jaz num grande silencio apavorante!
Nenhum som! Nenhum brado vingativo
Contra a scena de sangue! Tudo é morto!
A noite negra que me cobre é lucto,
É mortalha extendida num cadaver!
As brasileas florestas seculares
Não sussurram protestos contra o crime!
Os alterosos, escavados montes
São *gigantes de pedra* adormecidos!
Os proprios rios permanecem quédos!
Oh! não!... Que neste sólo americano
O santo amor da patria, amor sublime,
Commigo não morreu! Existe ainda!
Existe em cada arbusto, em cada pedra,
Em cada peito de homem! Não! Não morre
A idéa que eterniza o Tiradentes!

Vejo ainda meus dignos companheiros
Reunidos no lar de Claudio Costa,
De Claudio Costa, do poeta illustre !
Bem reconheço a ti, Thomaz Gonzaga,
Trovador de Marilia e patriota !
Paula Freire de Andrade, grande amigo,
Desejas dar mais honra á nobre farda,
Brandindo a espada em nome da Republica ?
E's tu, Vidal Barbosa—honroso filho
De Esculapio, tu vens da culta Europa
Juntar o teu saber á nossa causa ?
Tu, José Maciel, que assimilaste
De Rousseau as doutrinas philosophicas,
Vens tambem reforçar os conjurados ?
Tu, poeta Alvarenga, lyra de ouro
Trazes ao gremio teu sincero auxilio ?
Salvador do Amaral, José Rezende,
Luis Vaz, não faltastes ao congresso !
Quero abraçar-te, sim, padre Toledo,
E a ti, Rodrigues Costa, ambos ministros
Da crença de Jesus, da augusta crença
Que ao mundo proclamou Fraternidade !
Sede os apost'los da cruzada santa !
Intercedei a Deus pela victoria
Do plano patriota !

(Pausa)

Irmãos, não vedes,
No scenario da America do Norte,
Os Estados Unidos, como altivos,
Ao impulso dum Washington valente,
Libertam-se do jugo da Inglaterra ?
Imitemos, irmãos, tão bello exemplo !

Que o mesmo sol da gloria resplandeça
No sólo brasileiro, nestas plagas
Opulentas de raras maravilhas !
N'Europa a França agita-se, neste anno
De *oitenta e nove*, para dar ao mundo
Os Direitos do Homem, derrocando
A Bastilha do férreo despotismo !
Vão ruir os caducos privilegios !
A côrte de Luiz Decimo Sexto,
Os ricos Grão-Senhores, a Rainha
Maria Antonieta, os grandes Bispos,
Toda a Nobreza e Clero acostumados
Ao luxo, ao desperdicio, usufruindo
Rendas do Estado, fabulosas sommas
Arrancadas ao povo em mil impostos,
Toda essa apparatusa fidalguia
Em poucos mezes tombará por terra !
Vae proclamar-se a era da Egualdade !
Ouço o rumor confuso que precede
O explodir do vulcão revolucionario !
Gira no espaço a idéa redemptora,
— A Liberdade a electrizar os povos !

Formemos, pois, a Federal Republica !
Tenhamos nós tambem vastos Estados
Independentes e entre si unidos
Por uma lei geral que enlace a todos
Num çlo só, mas poderoso, eterno !
Unidos, marcharemos ao futuro !
Seja a nossa divisa *Liberdade*
Inda que tarde ! Estampe-se á bandeira
Um genio a espedaçar algemas férreas !
Que a soberba torrente do Amazonas,
Estrepitosa como as nossas almas,

Repercuta na costa lusitana
O estridor festival de nossos hymnos!
Porém, quem vem d'encontro á grande causa?
Quem faz a aurora transmudar-se em trevas?
Um judas, um traidor, nos vende a todos!
Joaquim Silverio denuncia o facto
E nos entrega á sanha da justiça!

Ah! delator! arrastarás na Historia
Como um grilheta o ferro da ignominia!
Eu serei sempre o morto redivivo,
Um braço immortal de minha patria,
Exemplo de honra ás gerações vindouras!
E tu, exposto ao publico desprezo,
Na forca dá traição, terás dos tempos
A execração que pune Iscariote!

Que sorte a dos leaes inconfidentes!...
Claudio, para eximir-se dos algozes,
Vae na prisão buscar o suicidio!
Sua memoria é declarada infame!
Os mais são degredados, vão para a Africa,
Para as febres palustres, para a morte!

(Sorrindo)

Eu não sou desterrado! A Monarchia
Quer em mim saciar toda a vingança!
Quanto me alegra a lugubre sentença!
Fazem-me o chefe da facção, eu pago
Por todos os meus fortes companheiros!
Sim, sou o réu do *crime escandaloso*!
Não vos temo, Visconde Barbacena!

Despojae-me da farda, não polluida,
E revesti-me da alva de enforcado !
Esta singela, immaculada tunica
Vale mais para mim que um manto régio !
Subo sereno a escada do patibulo !
Deste cimo alteroso a que me elevam
Entrevejo na fimbria do horizonte
O grandioso clarão de um sol futuro
Que bello surgirá, antes dum seculo !
Eia, carrasco, tem valor, enforca-me,
Despedaça-me em nome da Rainha !
Minha gloria immortal começa de hoje !
Meu sangue, derramado nesta terra,
Servirá de rastilho para um dia
Combalir, arrojado além do Atlantico
O throno, repellido em toda a America !
Deste mesmo logar de meu supplicio,
Por acaso, destino ou Providencia,
Surgirá, qual visão esplendorosa,
A veneranda imagem da Republica !

Sôa o hymno nacional. Ouve-se bradar : *Liberdade ou morte !*

Porém, que escuto ? Que harmonia é esta ?
Um hymno vibra além ! Ouço distinctos
Vivas festivos : *Liberdade ou morte ! . . .*
Do Sul ao Norte as magicas palavras
Transformam nossa patria ! Não me engano !

(Illumina-se o scenario. Tiradentes ajoelha-se)

Eu te agradeço, ó Deus, justiça eterna,
Factor dos mundos, protector dos povos !
O Brasil despertou !... Vingou a idéa,
A idéa que eterniza o Tiradentes !

(Ouvem-se vivas a Pedro I. O heróe levanta-se.)

Que nome escuto em meio da victoria ?
A multidão applaude delirante...
Viva Pedro Primeiro ?! Sim, saúda
Pedro Primeiro em vez de João Sexto !
Muda apenas de nome ao soberano !
O Rei ficou, para firmar um ramo
Da velha dynastia nesta terra,
Que devéra cingir barrete phrygio,
Nunca rendida á casa de Bragança !

O' multidão de cégos miserandos !
Si tens um novo Rei a que te curvas,
Submissa como escrava aos pés de um déspota,
Si conservas os pulsos algemados,
Como podes saudar a Patria livre ?
Que adoração dás tu á Liberdade ?
Deplóro o teu segundo captiveiro,
Patria infeliz ! Não quero ouvir teu hymno !

(Cessa o hymno o escurece o scenario)

Desperta, ó povo, do marasmo inglorio !
Poetas, escriptores, jornalistas,
Inspirados tribunos, levantaes-vos !
No livro, no jornal, nas conferencias,
Fazei a democrata propaganda !
Consagraes-vos ao grande apostolado,
Como São Paulo, a doutrinar as turbas
Nos dogmas do novissimo Evangelho !
De vós depende o proximo triumpho !

Tempo, ó genio veloz, agita as azas,

Roda no espaço o globo, volve os dias,
 Faze correr os annos na ampulheta,
 Mais rapidos que os raios na tormenta!
 Concede á Patria um novo *oitenta e nove!*

minha-se fortemente o scenario. Ouvo-se soar ao longe, entre salvas
 do artilheria, a *Marselheza.*)

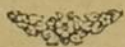
Que som além resôa que estremece
 As fibras de meu peito? Não me illudo!
 Desde o Sul ás paragens do Amazonas,
 Rebôa, no troar d'artilheria,
 Um hymno universal — a *Marselheza!*

(Ouvem-se vivas á Republica Federal.)

Saúdam, sim, a Federal Republica,
 — A minha aspiração, a minha gloria!
 Como bello fulgura o sol dos livres
 Neste céu do Cruzeiro! Que epopéa!
 E' este o astro que entrevi da forza!
 Avante, patriotas, que adoptastes
 A forma federal sem que uma vida
 Succumbisse na rapida mudança!
 Que grande exemplo offereceis ao mundo!
 Desfraldae a legenda do Progresso,
 O livre pavilhão ás auras livres!
 Estremecem de jubilo as ossadas
 De meus martyrizados precursores!
 Posso agora dormir! Estou vingado!

apparece no mesmo ponto donde surgiu. Levanta-se o panno do fundo
 para deixar ver uma apothéose á Republica dos Estados Unidos do
 Brasil. Sôa o hymno republicano.)

O panno cae lentamente.



A UMA FREIRA

Rosa do lar, em plena efflorescencia,
Mimosa pelo olor e formosura,
Vaes consagrar a flórida existencia
A' treva sepulcral duma clausura !

Foges da vida á nobre resistencia,
A' lucta em que noss'alma se depura,
E, casta, vaes votar-te á penitencia
Na solidão da cella, triste, escura !

Pobre flôr, murcharás á luz dos cirios,
Cercada de visões e de martyrios,
Crendo ainda offendida a Divindade !

Seguissem todas teu votivo exemplo !
—Em breves annos, pelo amor ao templo,
Iria se extinguindo a humanidade !



NAS NÉVOAS, NOS CLARÕES CREPUSCULARES

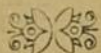
A *Philéas Lobesguc* *

NAS névoas, nos clarões crepusculares
Da quaternaria época do mundo,
Vivia o troglodyta, vagabundo,
Sem ter na terra definidos lares.

Olhando a solidão dos céos, dos mares,
Tomava-se de horror ante o iracundo
Convulsionar do pélago profundo,
Ante a procella a retumbar nos ares.

Só, contra a sanha de animaes disformes,
De continuo a travar luctas enormes,
Era um temido heróe entre a braveza.

Porém sentiu-se quasi um Deus no dia
Em que a Mulher, nascendo, apparecia
Como o primor maior da natureza !



* Em retribuição á sua poesia *Paradis Terrestre*.

A ILHA FLUCTUANTE


À VIDA é como uma ilha fluctuante
Que pela correnteza vae aos mares,
Ora de aromas perfumando os ares,
Festejada de musica orchestrante,

Ora vagando á sorte dos azares
No revolto cairel do abysmo hiante,
Martyrizada ao látego espumante
Do mar que canta nenias tumulares.

Arrebatada a ilha, deixa a costa
E o furor do Oceano, altiva, arrosta
E quer vencer a onda que recresce...

Mas em meio da rapida viagem,
Sem ver a orla opposta, na voragem
Anceia, treme, cae, desaparece.





A BOCAGE

I

O IMPROVISADOR

EM outeiro, no pateo de convento
De freiras entusiastas de poesia,
Entre vates rivaes, elle porfia
E os sobrepuja em rasgos de talento.

Ouvido o mote, glosa-o de momento,
Com caprichosa, artistica harmonia,
E a mostrar apollinea valentia,
Causa, em torno de si, deslumbramento.

A gloria, no improviso conquistada,
Prende, extasia a turba electrizada,
Que de ovações exalta o repentista.

Porém, depois do triumpho caloroso,
Ao *Botequim das Parras* vae, ebrioso,
Manchar em vinho seus laureis de Artista!

II

O DEMOCRATA

Quando, em França, explodindo a liberdade,
Faz ruir, com fragor, o despotismo,
E estremecem os reis, ao brilhantismo
Daquella rubra, extranha claridade,

Bocage, que detesta o servilismo
Attentatorio á humana dignidade,
Quer ver—que sonho!—a idéa da egualdade
Libertar Portugal do obscurantismo.

Porém Manique—o esbirro-mór que aterra—
Na humilhação duma cadeia o encerra,
Para que o genio da altivez decaia.

Na prisão, revoltado, o bardo exora:
Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?

III

NA INDIA

Manique o fórça a abandonar Lisbôa . . .
E o desditoso, errante, peregrino,
Semelhante a Camões, parte, em destino
A' possessão ultramarina, á Gôa.

Ahi, a vida insípida se escôa
Entre chatins de cerebro mofino;
E ao tédio succedendo o desatino,
Vae a Surrate macular-se á tôa.

Ante a impudente Manteigui, o poeta
Molha a penna aquilina em tinta abjecta
E canta como um fauno allucinado.

Após o riso exclama soluçante:
Sinto rasgar-me o peito a cada instante
A magua de morrer expatriado!

IV

NA VESPERA DE MORRER

Quasi a deixar a tumultuosa vida,
Contempla no aposento, lacrimosa,
Solto o cabelo, pallida, formosa,
A joven Marcia, a noiva estremecida.

Pela desgraça e pela dôr vencida,
A delicada virgem melindrosa,
Em pranto oscúla a fronte luminosa,
Como de um aureo resplendor cingida.

Grato á ventura desta unção extrema,
Improvisa Bocage um terno poema,
Como de uma ave o derradeiro canto.

Fitando-a, exclama o poeta resignado:
Meu mal dorme, repousa, embriagado
Das mil venturas que me dá teu pranto!

V

ANTES DE MORRER

Arrependido de um viver vicioso,
O trovador de Leandro, penitente,
Espera a dôr final, serenamente,
Sempre a cantar em metro sonoro.

Dos amigos ao circulo piedoso
Mostra-se humilde, afervorado crente,
E junto a frei José, a Deus temente,
Revela o méigo coração bondoso.

Accusa os seus prazeres de tyrannos,
 Confessa que *sua alma em si não coube*,
 E implora aos céos, por fim, livre de enganos:

Deus, oh Deus! ... Quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube!

VI

GLORIFICAÇÃO

Portugal e Brasil e toda a parte
 Em que resôa a lingua portuguesa,
 Commemoram-te a fulgida realza,
 O' grande, imperecivel Mestre d'Arte!

Todo o mundo latino vem saudar-te
 Pela expressão de classica pureza
 De teus cantos de amor, de gentileza
 E de riso que em dardos se reparte.

Quiz a inveja tolher-te o vôo altivo,
 Mas um centennio passas, redivivo,
 De olhos videntes no porvir immersos!

Tens em Setubal monumento alçado;
 Porém mais que a Columna, mais firmado
 E' o teu padrão — o bronze de teus versos!

21 de Dezembro de 1905.



NÃO ERA O ARTISTA UM CEGO DE NASCENÇA

Não era o artista um cego de nascença;
Já tinha visto a terra, os céos e o mar;
Porém a febre da variola intensa
Na infância lhe extinguiu a luz do olhar.

Mas como lenitivo ao sofrimento,
A' constante tortura,
Interpretava a magua no instrumento
Apprendido nos tempos de ventura.

Harmonias vibradas na palheta
Produziam effeito enlevador,
Qual si um genio chorasse á clarineta
Do joven professor.

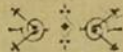
Na treva procurava, em doido anseio,
Uma branca visão que idealizára,
Bella, a sentir no palpitante seio
Paixão ardente e rara.

Aspirava que a imagem peregrina
O amparasse na vida ... Vão reclamo!
Nenhuma voz maviosa, feminina,
Lhe disse, em beijos, esta phrase: « Eu te amo! »

Quando ouvia o roçar de seda leve
E de mulher o timbre avelludado,
Queria num minuto, embora breve,
Sentir alguém, por elle, apaixonado.

Pedia eterno amor: davam-lhe flôres!
Mas palmas festivaes e a propria gloria
Jamais puderam minorar-lhe as dores
Ou desnublar-lhe a face merencoria.

Gosou, por fim, da maxima alegria!
Arfou-lhe o peito, num ideal transporte,
Quando, a sorrir, adormeceu um dia
No seio branco da visão da morte.



CADAVER TRIUMPHANTE

MORRÊRA o *Campeador*. O corpo embalsamado
E' posto no corcel, como si vivo fôra:
Prendeu-se-lhe na d extra a lança vencedora,
Largo escudo lhe cobre o peito inanimado.

— Cales de preto e branco e o manto costumado —
O heroe, numa attitude audaz, dominadora,
Rompe, atrav s da noite, a marcha aterradora;
Cavalleiros fieis o seguem lado a lado.

A inimiga mourama, attonita de susto,
Incapaz de luctar, dispersa-se, fugando:
B car, o proprio Rei, tremendo, escapa a custo.

O castelhano povo, ante a victoria absorto,
Na passagem acclama o *Cid* venerando,
O grande vencedor, inda depois de morto!



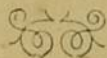
NOVO CAVALLEIRO

PARA ter ordem de cavallaria,
Elle despia emblema de pureza,
— A veste toda branca — e, com presteza,
De tunica escarlata se cobria.

Que pela Egreja o sangue verteria,
O seu vestuario, assim, dava a certeza;
Perante o altar e em face da nobreza,
O sacerdote a espada lhe benzia.

Um cavalleiro armava-o; o juramento
Prestava-o sobre a espada do *senhor*;
Offertavam-lhe as damas, no momento,

Cotta, braçaes, couraça, a lança, a espada . . .
As espóras, porém, de aureo fulgor
Eram prendas de *dona* apaixonada.





SOBRE A PRAIA DE SAGRES, NA LENDARIA

Sobre a praia de Sagres, na lendaria
Praia donde partiram caravelas,
Impellidas de febre extraordinaria
Ao *Tenebroso Mar*, de atras procellas ;

Onde o principe Henrique, o sabio Infante,
Sentia á fronte borbulhar a Idéa,
E em face aos mappas, num pensar gigante,
Sonhava para a patria uma epopéa ;

Ahi, onde o passado se condensa
Nas conquistas, frementes de emoções,
Onde o embate das vagas lembra a intensa
Orchestração dos versos de Camões ;

Na plaga em que arrojados navegantes
— Colombos, Dias, Gamas immortaes —
Souberam planejar feitos brilhantes
Cumulados de applausos perennaes :

Branca Visão, de albente claridade,
Divaga sobre a celebre eminencia :
No coração — anceios de saudade,
Nos labios — um sorriso de clemencia.

Quando o sol, a surgir gloriosamente,
Contorna de ouro o vulto soberano,
A sombra, projectada no occidente,
Sonha vir ao Brasil, transpondo o Oceano.

Porém o mar, na curva despiédosa,
Suffoca-lhe o desejo, e brame e espuma.
Sóbe o sol ; volta a sombra, pesarosa,
A recolher-se ao pedestal de bruma.

A Visão não realiza a ideal ventura
De contemplar, de longe, a quem tanto ama,
Nem póde, em sombra, vir, pela planura,
Vagar nos florestaes do Pindorama...

Porém o Tempo vaticina: « Espera !
Do exilio ha de a Justiça arrebatat-te
E em teu paiz, de eterna primavera,
Num funerario monumento de Arte,

Entre sinceras expansões de gloria
De um povo que ao teu nome se reanima,
Recolherá teus restos, em memoria
Do que foste e do amor que te sublima.

Philosopho, encaraste o banimento
Sem protesto, sem queixas doloridas ;
Só na tua viuvez, o soffrimento
Banhou-te a face em lagrimas sentidas.

Um dia, em frente á nacional bandeira,
Ao som dos hymnos fortes da Republica,
Como um padrão de gloria brasileira
A Historia te erguerá na praça publica!»

Finda-se a voz. Radiante o sol no oriente
Faz tanto a sombra enorme se alongar,
Que ella pensa envolver, saudosamente,
O *Gigante que dorme* á beira-mar.

5613

OS COMBÓIOS

O dever é a obrigação rigorosa
fazermos o que convém á sociedade

Reynal

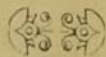
A Augusto de Lima

D' um lado e d' outro escuta-se um rumor:
São combóios que vêm precipitar-se,
Num encontro fatal despedaçar-se,
A' beira de um abysmo aterrador.

Allucinado o guarda, de terror,
A' alavanca da agulha vae lançar-se
Todo offegante, e evita entrechocar-se
Os trens que correm... rangem com fragor...

Quando elle, no desvio, abre a passagem,
Uma creança avista sobre o trilho,
E a dôr quasi o fulmina ante essa imagem!

Firme, tendo no olhar extranho brilho,
Salva os trens! Mas, em premio da coragem,
Vé morrer esmagado o proprio filho!





VEJO PASSAR NAS ONDAS REVOLTADAS

VEJO passar nas ondas revoltadas
Bouquet de róseas flôres,
Condemnado aos furores
Do mar, arfante a ríspidas rajadas.

Fluctúa, como um sonho tormentoso
Que nos confrange o coração afflicto :
Parece desprender no pégo iroso
Um ai de angustia, um soffocado grito...

Quem assim te juntou, haste por haste,
Como um penhor de sentimentalismo ?
Bouquet tombado em procelloso abysmo,
Em que mãos femininas te formaste ?

Por que foste lançado sem piedade
Sobre o revolto Oceano,
A servir de joguete á tempestade,
Ao rebramir insano ?

Que existencia miserrima e precaria,
Prenda infeliz ! Que luctas dolorosas !
Antes tu fosses desfolhar as rosas
Junto a cruz funeraria.

Recordas a mulher a quem no mundo
Votamos os mais intimos amores:
Sorrindo, ella arremessa ao mar profundo
Nosso *bouquet* de flôres...

Morrem as flôres que a procella trunca
E o vento arroja pelo Oceano a fóra;
Porém no coração, ferido embora,
Vive a saudade, que não morre, nunca!



QUIZÉRA, SOBRE UM MARMOR DE CARRARA

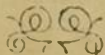
A Alberto de Oliveira

QUIZÉRA, sobre um marmor de Carrara,
Eternizar-te a fôrma peregrina,
Toda a lisa epiderme, branca e fina,
Todo o corpo, a mostrar perfeição rara.

Com que enlevos eu não esculpturára
A estatura, a expressão quasi divina,
E o sorriso da bocca pequenina
Que só helleno artista idealizára!

Completa a estatua, esbelta e vencedora,
Vencedora do tempo, eu soffreria
Dôres atrozes que a razão obumbram,

Por ver faltar á Deusa encantadora
O que eu não posso dar á pedra fria:
A luz, com que teus olhos me deslumbram!





SENTI-ME, DE REPENTE, ARREBATADO

SENTI-ME, de repente, arrebatado
De verdejante e flórida eminencia
E sobre negro abysmo arremessado :

Tanto o golpe feriu minha existencia,
Ao perder-vos, ó mãe ! visão sagrada !
Meu amor ! minha humana providencia !

Após a prostração amargurada,
Minh'alma, em ascensão prodigiosa,
Foi ao Sul, a vos ver inanimada.

Ante vós ajoelhou-se, e, lacrimosa,
Vos osculou a mão que ternamente
Me alentava na bênção carinhosa.

Ahi, a reprimir o pranto ardente,
Foi saudosa render-vos a homenagem
Que vos devia vosso filho ausente.

Envolvida na funebre roupagem,
Sob um véo para sempre adormecida,
Parecia de santa vossa imagem.

A morte, ao vos roçar, compadecida,
Não deformou o angelico semblante
De quem sempre formosa foi na vida.

Compungiu-se, talvez, naquelle instante,
Ao ver tanta nobreza em vosso porte
E tão risonha graça captivante.

Minh'alma que por vós foi sempre forte,
Seguiu comvosco ao cimo da collina
Em que levanta seus trophéos a morte.

E viu... ó dôr cruel ! ó dôr ferina !
O féretro descer á sepultura,
Como se esconde joia peregrina.

Suppoz ver, entre anceios de tortura,
Surgir de vossa campa, em vivas côres,
O meu passado, immerso em desventura.

Relembrei os balsamicos olores
Com que tonificastes a conducta
De quem no coração só teve horrores...

Em desfazer tropeços resoluta,
Havia em vós o typo da romana
Que aparelhava os filhos para a lucta.

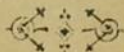
Abroquelar vontade soberana
Contra o revez, vencer o desalento,
Eis a missão que vos fazia ufana.

Seguir vosso elevado incitamento,
Cumprir indicação propiciatoria,
Era como observar um juramento.

Desprendida da vida transitoria,
Subiu a vossa mente, etherea e linda,
A' vida universal, de eterna gloria!

E' ella quem do Além me exalta ainda !
E' ella quem me inspira esta elegia,
Santificada de saudade infinda !

Minha mãe ! minha estrella ! minha guia !
Em tudo que engrandece eu vos contemplo,
E a vossa voz escuto na harmonia
Da natureza transformada em templo !

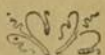


A VICTOR HUGO

Como um colosso rhodio em pleno Oceano,
Sobrepujante á furia das procellas,
A proteger as erradias velas,
Mostrando-lhes a esteira a proseguir,
Assim o maximo Poeta, soberano,
— Fóco de luz, de liberdade e crenças —
Em meio á sanha das paixões intensas,
Indicava aos Artistas o porvir.

Entre as radiantes claridades puras
Que fulgiam das letras no congresso,
O grande arauto do ideal progresso,
Em sóes mudava os pensamentos seus!
— Aguia sempre, librada nas alturas,
Com o poderoso, energico remigio,
Subiu das honras todas ao fastigio:
Foi, perante seu sec'lo, um semi-deus!

Quando, curvado á lei da natureza,
No fim do victorioso itinerario,
Elle caiu no leito funerario,
O mundo estremeceu, ouvindo o som...
Enluctaram-se os povos de tristeza!
Tombára o Poeta do real proscenio!
Mas — esplendente apotheóse ao genio! —
Por elle, um templo alçou-se num Pantheon!





MORTE GLORIOSA

A Coelho Netto

I

Na rocha verdejante,
Ensombrada de fetos e arvoredos,
A ouvir do mar constante borborinho,
O *chalet* do vetusto commandante
Faz recordar um ninho
De albatroz sobre a crista dum rochedo.

No mar nascêra aquelle velho austero
E ahi desenvolvêra a intelligencia
Nos estudos da nautica sciencia :
Ao mar votava grande amor sincero.

Sobrepujando o Oceano furibundo,
Como si acaso egual gigante fôra,
Muitas vezes fizêra a volta ao mundo
Na alterosa galêra *Luctadora*.

Mas o navio um dia naufragára
Sob o fragor de asperrimo cyclone...
Só quem tenha perdido afeiçãõ cara
— Mãe devotada ou filho estremecido —
E a justo desespero se abandone,
Póde julgar a dôr do nauta, quando,
Pela força dos factos compellido,
Allucinado e tremulo, chorando,

Disse adeus á galéra, á companheira
De toda a sua vida aventureira.
Parecia que parte de sua alma
Ficava alli, gemendo, sem conforto,
Naquelle barco espedaçado e morto.

Nostalgico e doente,
Para em final de vida gosar calma,
Isolou-se do mundo inteiramente.
Com a unica filha que tivéra
— Formoso mimo de innocencia e graça —
— Orchídea que em ternura ao tronco abraça —
Foi curtir as saudades da galéra,
A todos occultando o seu segredo,
Naquelle asylo á beira-mar — a frente
A fitar o horizonte,
Como um branco albatroz sobre um rochedo.

II

Ao som cadente do quebrar das vagas
— Som cheio de tristeza, de poesia,
De funda soledade,
Que reconcentra a nossa phantasia
Na idéa da infinita immensidade —
Tinha prazer em relatar á filha
Alegres excursões a longes plagas...
Ir ver um continente; após — uma ilha;
E mais outras, mais outros continentes,
Bellas cidades que o progresso expande,
Crenças, costumes, linguas differentes...
Ver quanto é vario, quanto o mundo é grande
Para quem lhe perscruta os accidentes!...

Pensativo, quedava-se á janella,
A contemplar num sonho illuminado
As naves a passar na verde téla
Do mar arfante... Que prazer maguado!

III

No declinar dum dia,
Alheio ao mal de morte que o minava,
Ficou-se triste, a contemplar a brava
Lucta das ondas contra a penedia.

« Vinde ao leito, meu pae », pede a donzella
— A ingenua providencia
Que toda se desvela
Em prolongar-lhe os dias de existencia —
« Recolhei-vos ao leito !
Não supporteis a insana ventania
E a chuva intensa e fria
Que vos alaga o peito ! »

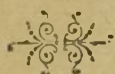
Elle, porém, não poudo ouvil-a ; attento,
Olhava uma fragata que impellida
Pelo furioso vento,
Vinha sobre os parceis perder a vida.
A prever um naufragio apavorante,
Que transfiguração teve esse velho !
Esquece a dôr que o coração lhe opprime :
Ergue-se firme, tragico, sublime,
— Figura legendaria do Evangelho —
E toma o porta-voz no grave instante.
Grita, ordena, com voz dominadora,
Como si fôra o proprio commandante,
Ou fosse aquelle barco a *Luctadora* !

A maruja que attonita se esforça,
Executa a manobra ; o navio órça,
Deixa os parceiros e afasta-se á bolina.

IV

« Salvei-a ! oh ! Deus ! Salvei-a ! »
Exclama o doente com febril transporte ;
Mas uma dôr aguda, repentina,
Do grande coração rebenta a veia.

Tivéra, enfim ! a sorte
De morrer em seu posto ! A fronte inclina
Sobre o collo da filha commovida,
E a sorrir, venturoso, exhala a vida.





ANTE A LUZ

SENTINDO nalma o sereno brilho
Da m atutina de eterno alvor,
Beijo nas faces e abraço um filho
No qual meu sangue revive em flôr.

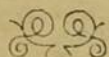
Não sei quando este mimo innocente
Mais me conforta, mais me seduz :
Si quando as palmas bate contente,
Si quando, absorto, contempla a luz.

Minh'alma, ciosa, debalde o chama
Ao vel-o entregue á fascinação ;
Elle os bracinhos estende á chamma
Como attrahido pelo clarão.

E balbucia ! quer, insoffrido,
— Prometheusinho — se apoderar
Daquelle fogo desconhecido
Que lhe não deixo sentir, tocar.

A rit, afasto-o do devaneio
Porque lhe póde produzir mal ;
Porem applaudo tão bello anccio :
— Todo embeber-se por um ideal !

A luz te faça, meu filho, um forte
Em toda a vida que vaes fruir !
A luz te seja constante norte !
A luz resplenda no teu porvir !





A FLÔR DE MANACÁ

I

ABRIL. Quanto esplendor na altura illuminada !

Pela arenosa praia, em fôrma de enseada,
Riem, folgam ao sol os nús *Tupiniquins* :
Uns remam nas *igáras*,
Outros fazem voar dos arcos as taquaras,
Ou sopram nos *borés*—as flautas dos festins.

De enfeite extravagante adornam-se contentes
Os ageis dançadores :
Na frente, o *kanitar* de pennas multicôres ;
Ao pescoço, ramaes de conquistados dentes ;
O plumoso *enduape* em volta da cintura ;
Nos pulsos, nos artelhos,
Os vistosos anneis de pennas amarellas.
Com tintas vegetaes ornando as fôrmas bellas,
Ou fazem-se vermelhos
Ou pintam-se em xadrez de côr azul-escura.

Nos labios, nas orelhas, embutidos,
Botoques ou *metúras*
D'ossos agudos, dentes retorcidos,
Ou madeira espelhante ou pedras raras.

Entregues ao prazer aquellas almas,
Sobre a macia arcia,
A saltar, batem palmas,
E dão-se as mãos, formando uma cadeia.

II

A moça mais formosa
De toda a tribu que folgando está,
Por distincção honrosa,
E' conhecida *Flór de Manacá*.

Debalde procuraes entre as donzellas
Mais seductor olhar, linhas mais bellas:
Mais correcção não ha.
A todas ella vence em gentileza,
Como um raro primor da natureza,
A *Flór de Manacá*.

Contorna-lhe a cintura delicada
Araçoyá de plumas, variegada,
Que mais prestigio a seus encantos dá.
Como a *Paraguassú*, como a *Tracema*,
Devêra ser cantada num poema
A *Flór de Manacá*.

Quanta alegria a virgem manifesta,
Saltitante e faceira,
A dominar a festa!
Brinca na espadua a sôlta cabelleira;
Buzios de côres brilham no collar;
Nos contornados braços e nos joelhos,
Ligas de fios largos e vermelhos
A flórea virgindade a revelar.

Tez rosada e morena !
Seios de estatua ! rubra a bocca e breve !
Linguagem que semelha a cantilena
Da patativa, harmoniosa e leve !

Grego escultor, si a vira
No sagrado esplendor da fôrma núa,
Sem poder modelar a imagem sua,
Pasma de assombros, o cinzel partira !

Dentre as esbeltas filhas das florestas
Nenhuma tinha a flecha mais certeira,
Nem maneiras mais lestras
Na caça ou pesca ou célere carreira.

Nos tres lustros e meio de existencia,
Nunca em laços de amor foi ella presa :
Descuidosa, passava a adolescencia
Como flôr, a adornar a natureza.

Vinte e quatro de Abril. O pôr do sol
Incendeia as florestas no arrebol.
Reverberando a rósea luz celeste,
De novo encanto a plaga se reveste.

Lançando, acaso, o olhar
Pela extensão do mar,
Os selvagens avistam, demandando
A terra patria, um bando
De aves enormes de azas distendidas...
Cessam danças, os cantos emmudecem.
Interrogam-se as turbas surpreendidas :

« Que embarcações extranhas
São essas que apparecem ?
Que vêm fazer *igaruçús* tamanhas ?
Por Tupan ! Quem são estes navegantes
Que assim vencem as ondas atrevidas ?
São homens como nós ? Serão gigantes ? »

Dos peitos rompe exclamação de pasmo !

III

Na seguinte manhã, vivo entusiasmo
Reune á praia curiosa gente.
Da frota vem Ribeiro, moço ousado,
A perlustrar a terra firme ou ilha.
Desembarca e contempla, deslumbrado,
A *Flór* que a seu encontro vae, ridente.
Palpita alvoroçado
O coração do nauta adolescente
Em face da selvagem maravilha.

Como a nuvem tingida pela aurora,
Ao sentir do mancebo o olhar ardente,
A *Flór de Manavá* detem-se e córa.

Passada a commoção, serve de guia
Ao joven forasteiro.
Leva-o comsigo a *tiba*, á moradia
Do povo hospitaleiro,
Raça *Tupy*, de nobres sentimentos.
Por acenos explica
Tudo quanto pertence á tribu errante :
De pennas collecção formosa e rica ;

Os *maracás*, sagrados instrumentos;
Dá-lhe a provar *cauim*, vinho ebriante;
Com gestos e com vozes agradáveis
O faz entrar nas *óças*, nas palhoças,
Indicando-lhe as redes confortáveis
E com elle passeia pelas roças.

Durante aquelle esplendoroso dia,
O dia da chegada, aureo, risonho,
Ribeiro teve-a sempre em companhia
Como enlevado na espiral dum sonho!

Ao voltar ao batel, a *Flór*, sorrindo,
Como um penhor precioso
Da recente amizade,
Offerta-lhe um collar de conchas, lindo,
E o cinge, com galante urbanidade,
Ao pescoço do joven jubiloso.

IV

No festivo domingo de Paschoela,
A selvagem donzella
Que a scismar no *extrangeiro* devaneia,
Sentindo o seio arfante de saudade,
Da praia em que passeia
Vê a missa primeira, pelo frade
Henrique de Coimbra officiada
Na *Coróa Vermelha*, desnudada,
E agora de homens cheia.

A' sombra mysteriosa de um docel
— Sedoso esparavel —
Por entre as regias pompas da manhã,
Toda inundada em luz
Fulge a festa christã,
Sublime de grandeza
Perante a majestosa natureza
Da terra *Vera Cruz*.

O Capitão desfralda sobranceira,
Como insignia real,
A Cruz de Christo, a esplendida bandeira
Que lhe offertára o Rei de Portugal.

A moça observa, attonita e surpresa,
Aquellas nunca vistas louçanias!
Os trajes de velludo! a gentileza
Dos nobres officiaes!
A luz relampejante dos metaes!
O tremulo brilhar das pedrarias!

Vê Ribeiro ajoelhar-se, levantando
Os braços para o céo; a *Flôr* ajoelha,
Tambem erguendo os braços nús; e quando
O joven beija o sólo,
Ella, curvando gentilmente o collo,
Com intimo prazer naquelle instante,
Roça na areia a bocca semelhante
A bella flôr vermelha.

V

Maio, dia primeiro,
Manda Cabral que alli,
Quasi á margem do arroio *Mutary*,
Seja plantada a Cruz, sacro madeiro,
A que devem solennes homenagens.

Marinheiros e frades e selvagens
Em procissão conduzem, á perfia,
A Cruz que sobre o tópo é brazonada
Pelas armas da lusa monarchia,
Como um padrão de gloria ambicionada.

E outra missa, maior, esplendorosa,
Celebra-se imponente,
Junto á primeira Cruz, a mais grandiosa
Que se elevou nas terras do Occidente.

Todo o selvagem povo, estupefacto
Ante as grandezas que alli vê patentes,
Sem poder explicar tanto apparatus,
Imita em gestos o fervor dos crentes.

Inspirado, eloquente, Frei Henrique
Prêga junto do altar,
Para que a expedição sabendo fique
O meio de aos pagãos illuminar:
« Brandura, amor, affago,
São como o sol na immensa escuridão

Em que se abysma o instincto malfazejo!
Sempre é fecundo o permutar de um beijo!»
E a vida santa de Felippe e Thiago
Exalta no sermão.

VI

Maio, dia segundo.

Gaspar de Lemos volta a Portugal
A dar grata noticia, não de um mundo,
Mas d'uma ilha na parte occidental
Do *tenebroso* Atlantico profundo.

Approxima-se a hora da viagem...
A *Flôr*, prevendo amargurada ausencia,
Pede a Ribeiro sique na paragem
Onde amor os ligára na existencia.
Em vão! Faz-se mistér a despedida
Mutuamente sentida.

Ah!... pela vez primeira aljôfares divinos
Tombam, cheios de luz, dos olhos crystallinos.

O dia é de bonança.

Ao soprar do terral será partida
A frota, a demandar o cabo enorme
Que transformou o Adamastor disforme!
O cabo que vae dar *bóá esperanza!*

A *Flór*, junto da Cruz na praia erguida,
Soffre magua cruel,
Quando vê que um batel
Traz Affonso Ribeiro
E mais outro inditoso companheiro
Que em VERA-CRUZ serão abandonados
Para a pena cumprir de degredados.

Após um breve instante,
Na capitânea o celebre Almirante
Ordena ás caravelas
O desfaldar das velas.

A frota faz-se ao largo.

Ribeiro então sentiu correr o pranto amargo
Ao ver os seus irmãos a caminho d'Oriente !
Apoiado na Cruz, a soluçar gemente,
Seguia com o olhar as naus na immensidade !
Que dôr e que saudade !
A patria lhe fugia ! A patria, o santo lar,
Expulsava-o sem dó ! fugia sobre o mar !

Suffocando a emoção, o misero exilado
Exclama resignado :
“ Partis ! Ides á gloria ! Eu fico no desterro,
Condemnado a morrer em triste solidão !
E' castigo de mais ao meu desvio ou erro !
Quando ao crime ultrapassa, é crime a punição !

O livro da Verdade, o livro grandioso,
—A Historia— ha de dizer que eu, Affonso Ribeiro,
Em Abril vinte e cinco, anno mil e quinhentos,
Tive a gloria de ser o portuguez primeiro
Que impavido, animoso,
Pisou em Vera Cruz, a terra dos portentos,
Que á noite se illumina ás luzes dum Cruzeiro!
Vós ides attingir ao portico sublime
Da Fama que concede esplendido trophéo,
Emquanto vou pagar imaginario crime
Ante o deserto mar, ante o deserto céo!»

Depois, lançando em torno o olhar allucinado,
Contempla a *Flôr* e a Cruz.
«O' signal redemptor! Sou menos desgraçado,
Abraçando-me a ti, ó crença triumphante!
O' crença de Jesus!
Como a estrella que o norte aponta ao navegante
Nas trevas de minh'alma infiltra nova luz!
Ampara-me a existencia em meio da rudeza!
E tu, ó virgem pura, ó flôr, a mais formosa
De quantas produziu aqui a natureza,
Que tens no casto olhar irradiação gloriosa,
Protege-me entre os teus!
Em premio, eu te darei a crença no meu Deus!»

Os nautas na amplidão, já perto do horizonte,
Puderam ver ainda,
No fundo verde-azul duma paisagem linda,
O proscripto, de pé,
Erguida para o céo a illuminada fronte,
Entre o emblema do Amor e o symbolo da Fé!



NO TUMULO DE UM MENINO

JOÃO PAULO *

A Affonso Celso

« EXULTA, filho meu ! Já tens formoso estemma
Sobre a fronte infantil ! Já não serás vulgar !
A Gloria te osculou ; és o heróe de um poema :
Mereceste um soneto a *Pethion de Villar* ! »

Vós cantaveis assim, na ventura suprema
De um glorioso porvir ao filhinho apontar !
Mas a Morte, sem dó, com despiidade extrema,
O mimo encantador vos foi arrebatár !

Eu tive-o junto a mim, numa tarde esplendente,**
E, saudoso, recordo as graças da creança
Que entre rosas viveu cinco annos tão sómente !

Religião de Jesus ! Conforta o poeta afficto !
Vibra em seu coração os carmes da Esperança,
— Esperança de o ver a sorrir no infinito !



* Fallecido a 15 de Junho de 1907.

** A 24 de Março de 1907, na villa Petiota, Petrópolis.

A HEBRÉA PECCADORA

A Luiz Murat

« **E**STA mulher que vêdes adultéra
E a ser apedrejada a lei condemna.
Deve morrer. Que nos dizeis da pena? »
Mas Jesus, inclinando a fronte austera,

Escrevia n'arcia. Vendo que era
Baldado o interrogar, o povo ordena
Que a julgue. Elle, então, diz com voz serena
Em que se lia uma emoção sincera :

« Quem dentre vós se encontre sem peccado
Seja o primeiro que a apedreje! » O bando
De phariseus retira-se apressado.

Jesus diz á mulher n'aquelle instante :
« Vês? Ninguem te condemna. » E meigo e brando :
« Vae. E nunca mais peques d'ora em diante. »



PHAETONTE

A J. M. Goulart de Andrade

IGNEO plaustro, a quadríga, em furia tresloucada,
Espumante de raiva, em corcóvos accesa,
No infrene galopar abala a natureza,
E o Sol, ou quasi abrasa a Terra apavorada,

Ou, perdido dos céos na infinda profundeza,
Deixa-a envolta na treva, a morrer congelada,
Crendo, na confusão, já convertida ao nada;
Mas Phaetonte, o cocheiro, orgulhoso da empresa

Por entre os turbilhões de fogo, immerso em gloria
Levado aos repelões, em êxtase, risonho,
Brada: *Avante!* ao tropel, na insana trajectoria!

Ser quasi o Sol! ser quasi um Deus!.. Rara ventura!
Eis o sonho triumphal! o ambicionado sonho!
Que lhe importa que Zeus o fulmine da altura?



OS CYCLOPES

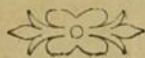
A Raymundo Corrêa

Nas cavernas restruge um fragor de batalha :
O ferro, ao se amolgar, rangê, ringe, rebrama,
E expelle com furor, em fagulhas, a chamma
Albi-rósea que salta e morrendo se espalha.

Mas a forja moderna em raios não trabalha ;
Para a humana ruina o ferro não se inflamma :
Os cyclopes-heróes, envoltos noutra flamma,
Sentem que nova luz irrompe da fornalha.

Esquecidos do Zeus de vinganças tremendas,
Gigantescos, febris, os ruivos operarios
Mostram ás multidões mais dilatadas sendas.

Em honra das Nações pela Força opprimidas,
Arrojam no cadinho os canhões sanguinarios
E os convertem após em machinas brunidas.





PARADIS TERRESTRE

A Damasceno Vieira

LE POÈTE

Vous en souvenez-vous de ce soir où vos âmes
Retrouverent la route et la porte d'Eden ?
Vous erriez, pleins de rêve, sur détours du jardin,
Et les fleurs s'inclinaient vers vous comme des femmes.
Celui qui veille au seuil du Paradis perdu,
Depouillant son glaive ceint de flammes,
Précédait lentement votre marche profane
Et vous montrait le lieu de l'Arbre défendu
Qui toujours refleurit et jamais ne se fane :
Vous alliez répétant tout bas les mêmes mots
Et, joignant par instants vos lèvres,
Por laisser vos cœurs jumeaux
Se parler de plus près, sous les regards plus ensèvres,
L'Ange prit une harpe accrochée aux rameaux
Et se mit à chanter le hymne de l'Espérance ;
L'Arbre antique et fatal vous couvrait de ses branches,
Et la divine Voix,
Par coups d'ailes légères, passait dans le silence,
Éveillant ciel et terre à la fois.
Les astres clignotaient comme des yeux de femme ;
La Voix entra dans vous : c'était une âme !
Distraite, votre main à l'Arbre de malheur
Cueillit un bourgeon frêle,

D'où devait naître une fleur !
L'Ange alors s'arreta pour vous chercher quere lle ;
Mais vous teniez la tige arrachée en passant,
Et la fites fleurir au sein de votre sang !

ADAM ET ÈVE

Est-ce donc un peché que de croire à la Vie ?
Et de laisser pleuvoir dans son âme ravie
Les baisers parfumés, les désirs musicaux,
A' l' heure où de l'Amour les rires prophétiques
Font sonner les échos
Et germer les roses mystiques ?

JEHOVAH

De vos bonheurs d'un jour je ne suis plus jaloux :
Vivez, souffrez: je vous absous !

Philéas Lesbesque.

La Neuville — Vault, par Savignies (Oise).





PARAISO TERRESTRE

(Traducção)

O POETA

Acaso vos lembraes daquella noite linda
Em que o caminho e a porta do Éden reencontrastes?
Nas curvas do jardim — cheios de sonho ainda —
Erraveis. E ante vós dobravam-se nas hastes
As flôres, a imitar mulheres reverentes.
Aquelle que o limiar do Paraíso guarda,
Abandonando o gladio em flammæ splendentes,
Vos precedia a marcha, em marcha leve e tarda,
E a Arvore vos mostrou, dos fructos prohibidos,
Que, sempre a refflorir, não se fana jamais.
Vós repetieis baixo os mesmos sons queridos.
Juntaveis, muita vez, os labios passionaes
Para que os corações, gemeos, pudessem, certo,
Falar-se de mais perto,
Entre olhares de luz e bemaventurança...
Tomou o Anjo uma harpa aos ramos, na passagem,
E se poz a cantar o hymno da Esperança:
A Arvore fatal vos cobria com a ramagem.
E a divina Voz
Passava no silencio, a bater azas, veloz,
A despertar o céo e a terra juntamente.
Os astros, a luzir nos espaços infindos,
Num palpitar fremente,

Quaes olhos de mulher pestanejavam lindos.
A Voz vos penetrou, naquella noite calma :
Essa Voz era uma alma !

A' Arvore do Mal a vossa inconsciente mão
Colheu debil botão
Donde devêra, em breve, irromper uma flôr !
Ao ouvir o rumor,
O Anjo então parou, a inquirir, agitado ;
Mas viu que vós ahi já tinheis arrancado,
Ao passar, a sorrir, um ramo vigoroso,
E ó fazeis florir em vosso sangue estuoso !

ADÃO E EVA

É, pois, peccado algum o acreditar na Vida ?
Deixar cahir, chover em noss'alma embebida
Desejos musicaes e beijos odorantes,
Na hora em que do Amor os risos augurantes
Fazem echos vibrar
E, prompto, germinar
As formosas
Mysticas rosas ?

JEHOVAH

De um dia de prazer não sou cioso inclemente :
Vivei, soffrei ; eu vos absolvo plenamente.





SU LE ORME DI DANTE

*Ao Conde Angelo de Gubernatis,
professor de literatura italiana na
Universidade de Roma.*

I

E como il pan per fame si manduca,
Così il sovràn li denti all'altro pose
Là 've il cervel s'aggiungo con la nuca.

Inferno, canto XXXII.

« **Q**UEM és tu, ó do *Inferno* condemnado,
Que eternamente cumpres o destino
De remorder, com tanto desatino,
O cerebro dum padre torturado ?

Por que te mostras, mais do que assassino,
Um quasi irracional, um cão damnado ? »
Erguendo o rosto iroso, ensanguentado,
Responde : « Quem sou eu ? — Conde Ugolino.

Este, a quem o remorso não consome,
Quiz que eu e quatro jovens descendentes
Numa torre morressemos de fome ! »

E, recordando o horrendo vituperio,
Como um louco furioso crava os dentes
No espedaçado craneo de Rogerio.

II

Quando leggemmo, il disiato riso
Esser baciato da cotanto amante,
Questi, che mai da mo non fla diviso,

La bocca mi baciò tutto tremante.

Inferno, canto V.

Como um casal de pombos, no ar, aos beijos,
No tãrbilhão dum circulo do *Inferno*,
O par gentil, fremente de desejos,
Vôa e revôa em padecer eterno.

Unidos, enlaçados — qual mais terno —
Nos torturantes, rapidos adejos,
Soltam, gemendo, tristes rumorejos ;
Mas o supplicio não commove o Eterno.

« Qual vosso crime ? » perguntou-lhes Dante.
— Nós liamos o conto apaixonado
De Lanceloto, e meu cunhado, ardente,

Viu que a Rainha um beijo provocante
No cavalleiro déra, e, allucinado,
A bocca me beijou todo tremente.





LEENDO « FRANCESCA DA RIMINI »

Tragedia de Gabriele d'Annunzio

A Gabriele d'Annunzio

I

Acto II, scena III.

E il sorsò
che voi mi deste...
col vostro falso cuore
pieno de tradimento o di follia,
fu l'ultimo, fu l'ultimo che tolsemi
la seto...

COM o falso coração todo em loucura,
Fazendo-me beber um sôrvo ardente,
Extinguistes a sede incandescente
Que eu sentia por vós, quasi perjura.

Por que, cruel, não tive eu a ventura
De ser por vós lançada aó mar fremente,
E á praia de Ravenna, docemente,
Me depuzestes na arenosa alvura?

« Como devo morrer? » O moço afflicto
Pergunta.

— Em vosso ardor eu vejo aggravo,
Crime esse amor de insólito exaggêro!

Como pena ao desejo, que é delicto,
Deverieis morrer, mas como escravo,
A remar na galé do *Desespéro*.

I I

Acto III, scena V.

PAOLO

Qual libro ò questo ?

FRANCESCA

La famosa istoria
di Lancillotto dal Lago...
Guardate quello stormo
di rondini, che arriva e segna l'ombra
sul bianco mare !

— Que livro é este ?

— A historia do famoso
Lanceloto do Lago.

— Lêde-o, emtanto.

— Olhae ! Cobre-se o mar dum alvo manto !

— Lêde-o, Francesca...

— Um bando phantasioso

De andorinhas sombreia o mar calmoso !

— Lêde-o...

— Como produz um suave encanto

A rubra vela que se alonga tanto,

Como cingida em fogo esplendoroso !...

Lê Paulo : « Vendo-o timido, temente,
Ella prende-lhe o mento, e, allucinada,
Beija-o na bocca prolongadamente. »

Ahi, tendo a razão toda perdida,
O moço imprime um beijo na cunhada,
Que diz : « Não, Paulo ! » e cae desfallecida.

III

Acto V, scena II.

FRANCESCA

Era doleo

la mia sorolla...

Ah, s'io l'avessi meco, se stanotte
ella facesse il suo piccolo letto
accanto al mio!

FRANCESCA

Ah! si esta noite minha irmã bondosa
Fizesse o leito seu junto a meu leito,
Eu não sentira, a torturar-me o peito,
Esta immensa tristeza dolorosa!

Ah! si eu pudesse vel-a, jubilosa,
Correr descalça, e, junto ao parapeito
Da janella, chamar-me, a ver o effeito
Da estrella d'alva a resplender graciosa!...

BIANCOFIORE

Vós choraes!... Quero, em vossa companhia,
Dormir ao pé de vosso leito!

FRANCESCA

Não!

Ha de passar-me esta melancolia.
Vac dormir o teu somno descuidado.

BIANCOFIORE

Irei... Deus vos conceda protecção!

FRANCESCA (*dirigindo-se para a alcova*)

Agora, ao meu destino infortunado!

IV

Acto V, scena IV.

FRANCESCA

Baciami gli occhi, baciami le tempie
e le guance e la gola...
così... così... Prendimi l'anima e rivèrsala.

«Façemos este livro apaixonado
E nós lancemos ambos á ventura
Deste infinito amor, desta loucura
Que me extasia, ó Paulo ! ó bem amado !

Beija-me os olhos ! beija com ternura
O collo, a face, a bocca, e, arrebatado,
Como num vôo ao céo todo estrellado,
— Labios unidos — cinge-me a cintura ! »

E, a palpar na febre dos desejos,
« Francesca !... Paulo ! » dizem, num gemido
Entrecortado de ardorosos beijos...

Porém a porta se abre de repente !
No estoque de Gianciotto enfurecido
Succumbem, traspassados juntamente.*

* Poeta inspirado no verso de Dante:

« Amor condusse noi ad una morte. »

Inferno, canto V.

V

Acto V, scena ultima.

Francesca in un baleno si getta
tra mezzo ai due ; ma, como
marito tutto si grava sopra
colpo e non può ritenerlo, e
ha il petto trapassato dal ferro
barcolla, gira su só stessa, ven-
gendosi a Paolo che la riceve
tra le braccia.

Gianciotto os pilha quasi que em flagrante :
Vae ferir Paulo em rapida estocada,
Mas Francesca interpõe-se, e, desvairada,
Quer ser a victimada nesse instante.

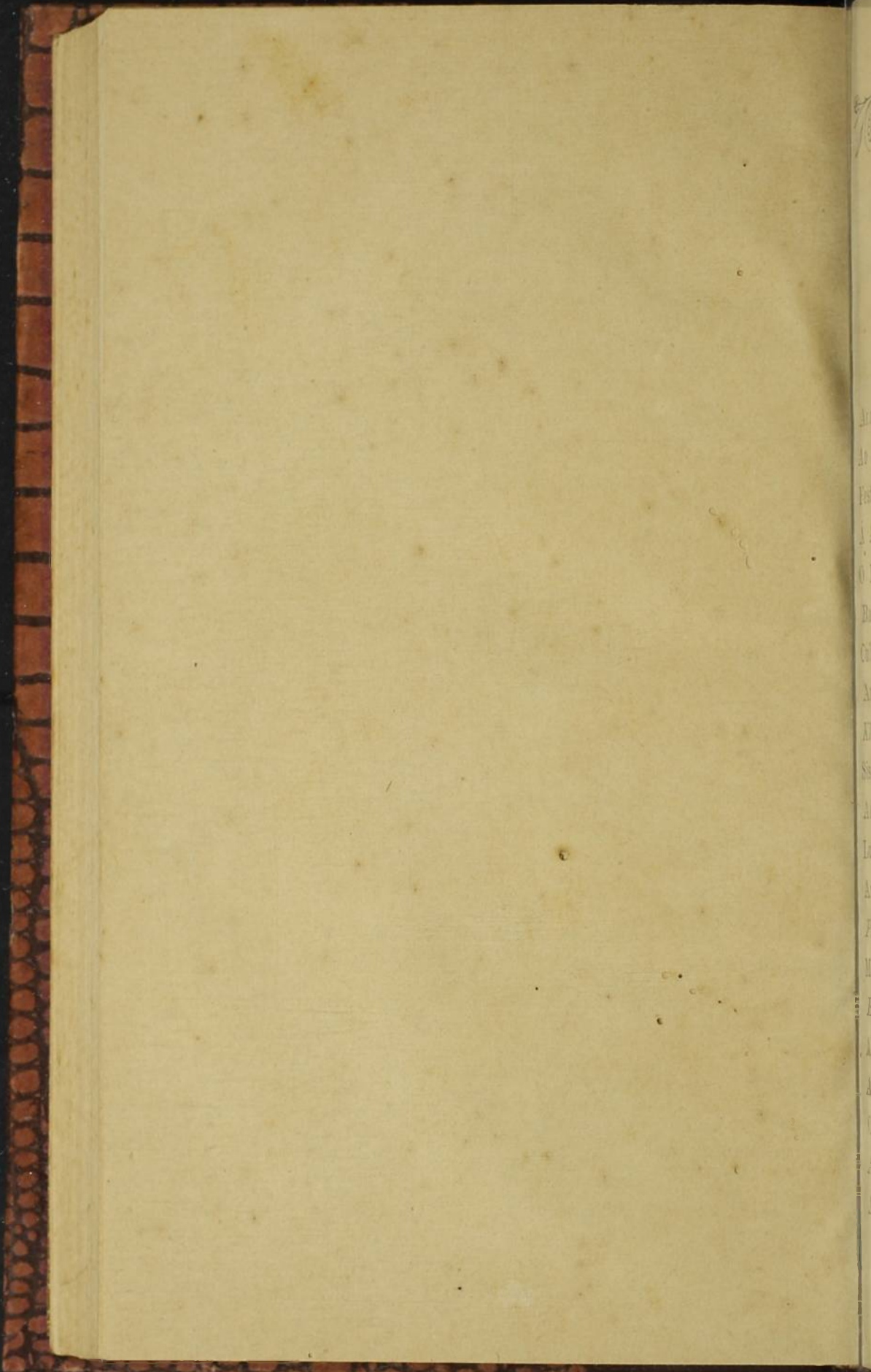
E recebe no seio palpitante
Golpe mortal. « O' Paulo ! » exclama, anciada,
E gira em torno a si e cae prostrada,
Morta, nos braços do aterrado amante !

Elle a beija na bocca ardentemente !
Em face ao crime, o rábido marido
Mata o rival-irmão incontinente.

Após a dupla morte, curva um joelho
E no outro despedaça, enfurecido,
O longo estoque tinto de vermelho.



INDICE





INDICE

	Pag.
ALBATROZES	
Ao poeta	1
Festim romano	3
À Arte	10
O Parthenon	11
Banho de Phryné	13
Culto á Fórma	14
Amor de Pygmalião.	15
Kleópatra	16
Sisypho.	23
Adormecida.	24
Lucta de Prometheu	26
Ante o retrato de Dante	27
Paixão de Miguel Angelo	28
Mergulhador de Schiller	29
Estatua grega	30
Alma forte	31
Alma forte (em succo)	32
Os canarios	33
A domadora	39
A Christovão Colombo	40

	Pag.
O ferreiro	43
<i>Em constellada noite</i>	44
Alto da Serra	45
A lenda do Judeu Errante	48
Noite de luar a bordo	49
Noite gloriosa	56
No banho	57
A galéra	58
Fitando estrellas	60
O duello.	61
<i>Grande, imponente, o largo mar vozeia</i>	63
Na arena	64
A Carlos Gomes.	65
Noite de Natal	69
Remember	70
Licção de grammatica	71
As creanças.	73
Andorinhas	74
Festa do trabalho	75
Victoria de Phryné	77
Uma visita medica	78
Sonho de Santos Dumont	81
Oitenta e nove	83
Ao mar.	85
Cantando	86

	Pag.
A José de Anchieta	87
Em trem ^o de ferro	89
Nostalgia	90
A voz do Tiradentes	91
A uma freira	98
<i>Nas névoas, nos clarões crepusculares</i>	99
A ilha fluctuante	100
A Bocage <i>S.</i>	101
<i>Não erá o artista um cego de nascença</i>	105
Cadaver triumphante.	107
Novo cavalleiro	108
<i>Sobre a praia de Sagres, na lendaria</i>	109
Os combóios	112
<i>Vejo passar nas ondas revoltadas</i>	113
<i>Quizéra, sobre um mármore de Carrira</i>	115
<i>Senti-me, de repente, arrebatado</i>	116
A Victor Hugo	119
Morte gloriosa	120
Ante a luz	124
A Flôr de Matacá	126
No túmulo de um menino	136
A hebréa peccadora	137
Phaetonte	138
Os cyclopes.	139
Paradis ^o terrestre.	140

	Pag.
Paraiso terrestre (traducção).	142
SU LE ORME DI DANTE	
I <i>Quem és tu, ó do «Inferno» condemnado</i>	144
II <i>Como um casal de pombos, no ar, aos beijos</i>	145
LENDO «FRANCESCA DA RIMINI»	
I <i>Com o falso coração todo em loucura .</i>	146
II <i>Que livro é este?</i>	
<i>— A historia do famoso</i>	147
III <i>Ah! si esta noite minha irmã bondosa.</i>	148
IV <i>«Fechemos este livro apaixonado . .</i>	149
V <i>Gianciotto os pilha quasi que em flagrante</i>	150



2033

60





